

# SÃO PAULO

**PLACAR** AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL  ABRIL/1979  
Cr\$ 30,00

**POSTER/CALENDÁRIO  
UMA TRICOLOR  
MUITO SEXY**



**UMA TORCIDA ESPECIAL  
AS VITÓRIAS INESQUECÍVEIS  
OS ÍDOLOS SÃO-PAULINOS  
A HISTÓRIA TRICOLOR  
O FUTURO NO MORUMBI**

**GRÁTIS**

**22** ESCUDOS  
ADESIVOS  
COLORIDOS



**Priiii!!!**  
**Começa o jogo...**



Você nunca viu nada igual a Ping Pong Futebol Cards. Ping Pong Futebol Cards é cheio de novidades para você, são cartões de jogadores e mais um chicle de bola.

### **3 em 1. E não é falta.**

Em cada embalagem de Ping Pong Futebol Cards você vai encontrar um chicle de bola e três cartões como esse que você tem como brinde. E cada cartão!!!

Na frente ele traz uma fotografia colorida dos nossos principais ídolos do futebol. No verso você vai ficar "por dentro" de fatos, acontecimentos e muitas curiosidades da vida e carreira desses jogadores que Ping Pong Futebol Cards investigou especialmente para você.

### **Uma coleção fora de série.**

Ping Pong Futebol Cards é gostoso e fácil de colecionar. Veja só a qualidade dos cartões. São resistentes e do tamanho ideal para você consultar ou

mesmo trocar com seus amigos. Futebol Cards é uma coleção para durar a vida toda e que manterá você sempre atualizado com as coisas do futebol.

Você vai ter o Leão, o Palhinha e mais de uma centena de craques, para colecionar.

Levante a mão com Ping Pong Futebol Cards e mostre que você também entende de futebol.

### **Os Clubes**

Guarani F.C.  
S.C. Corinthians Paulista  
São Paulo F.C.

#### **EMERSON LEÃO**

Nascimento: 11.07.1949 - Ribeirão Preto - São Paulo  
Altura: 1,82 m - Peso: 80 quilos

Posição: Goleiro

Equipes que já defendeu: E.C. São José (S. J. dos Campos); Comercial F.C. de Ribeirão Preto; S.E. Palmeiras; Seleção Brasileira - Copas 70, 74, 78.

Títulos: Campeão Mundial em 70; Campeão Paulista em 72, 74, 76; Campeão Brasileiro em 72, 73; Taça Cidade de São Paulo 72; Torneio de Carranza - todos pelo Palmeiras.

Curiosidades: Muito dedicado nos treinos, Leão é considerado um dos três melhores goleiros do mundo. Começou na Seleção em 69, ano em que foi contratado pelo Palmeiras, e desde 74 é titular absoluto da posição. Na Copa da Argentina conseguiu manter sua meta invicta durante 457 minutos, batendo o recorde em Copa do Mundo de minutos sem tomar gols. É formado em Educação Física. Seu prato preferido é arroz ao forno, e seu ídolo Falcão.

**PING PONG**

56

**FUTEBOL CARDS**

Santos F.C.  
S.E. Palmeiras  
A.A. Ponte Preta  
Botafogo F.C.  
A. Portuguesa de Desportos  
E.C. Internacional  
Grêmio F. Portoalegrense  
C.R. Flamengo  
Fluminense F.C.  
C.R. Vasco da Gama  
Botafogo F.R.



# **FUTEBOL CARDS**

**O chicle dos bons de bola.**



**Editora Abril**

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

**Diretores:** Edgard de Sílvia Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

**Vice-Presidente de Publicações Femininas e Masculinas:**  
Thomaz Souto Correa  
**REDAÇÃO**

**Diretor:** Jairo Régis

**Editor de Projetos Especiais:** Juca Kfourri

**Textos e Reportagens:** Ricardo Vespucci,

José Maria de Aquino, Sérgio Martins,

Maurício Cardoso, Marco Aurélio Borba,

Oswaldo Luís Vitta

**Arte:** Miguel Angel Fernández (chefe),

Nelly Rachel Fernandes

**Secretário de Produção:** Jurandir Xavier Chamusca

**Arquivo:** Pedro Álvares Cabral

**Departamento de Documentação:** Néelson Moreira Leite, Paulo R. Ribeiro, Sérgio Tadeu A. Pereira

**Gerente de Produto:**

Alexandre Daunt Coelho

**Diretor responsável:** Edgard de Sílvia Faria

**Assessor:** Sérgio Oliva

PLACAR é uma publicação da Editora Abril Ltda. / **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4400, tels.: 266-0011, caixa postal 2372, Telex (011)22094; São Paulo / **Telex em Nova York:** EDABRIL, 423-063 / **Escritórios:** Belém: r. XV de Novembro, 226, sala 1313, Edifício Chamié / tel: 222-5507 / **Belo Horizonte:** r. Álvares Cabral, 908, tel.: 337-0351, Telex 031-1085, telegramas: Abrilpress / **Brasília:** SCS-Projetada, 6, Edifício Central, 12.º andar, salas 1201/8, tels.: 24-9150 e 24-7116, telegramas: Abrilpress / **Florianópolis:** Rua Felipe Schmidt, 51, Edifício Jacqueline II, sala 201, tel: 22-7826 / **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, depto. comercial: 62-8833; redação: 62-8942, telegramas Abrilpress / **Porto Alegre:** r. Vieira de Castro, 285, tels. depto. comercial: 23-9617, 31-5348; redação: 23-9441 e 23-9502, telegramas: Abrilpress / **Recife:** r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lígia Uchoa Medeiros, conj. 204/5, tel: 24-4957, telegramas: Abrilpress / **Rio de Janeiro:** r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tels.: 244-2022, 244-2057, 244-2017, caixa postal 2372, telex 021-22674 / **Salvador:** r. Itabuna, 304, Parque Cruz Aguiar, Bairro do Rio Vermelho, tel: 247-3999, telegramas: Abrilpress / **Distribuidor nos EUA:** M&Z Representatives, 122 Ferry Street, Newark, N.J. 07105, tel: (201)589-2794 / **Preço por exemplar avulso:** o constante na capa / Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém denuncie-o às autoridades locais / **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em **São Paulo:** av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 841; r. João Pereira, 197; r. Domingos de Morais, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Oiapoque, 91; no ABC: av. Industrial, 117 (Santo André); no **Rio de Janeiro:** r. Sacadura Cabral, 141; **pedidos pelo correio:** caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias à mesma. Registrada na D.C.D.P. do Departamento da Polícia Federal sob n.º 034 P 209.73

**AS MAIORES  
TORCIDAS  
DO BRASIL**



**SÃO PAULO**

# Apresentação

*Na série de edições especiais que Placar está dedicando às maiores torcidas do Brasil, não poderia faltar a revista do São Paulo. Mostramos aqui as grandes glórias do tricolor, desde seu primeiro título, em 1931, até o Campeonato Nacional de 1977; os grandes ídolos do povão são-paulino, desde Arthur Friedenreich até Serginho; as maiores equipes que vestiram a camisa do clube; e a preparação do "mais querido" para um futuro que seja tão brilhante quanto o presente e o passado.*

## ÍNDICE

|    |       |                               |
|----|-------|-------------------------------|
| 4  | ..... | <i>A Última Grande Glória</i> |
| 10 | ..... | <i>O Jogão Histórico</i>      |
| 14 | ..... | <i>Meu Time Inesquecível</i>  |
| 20 | ..... | <i>O Torcedor</i>             |
| 26 | ..... | <i>Os Grandes Ídolos</i>      |
| 34 | ..... | <i>A História do Clube</i>    |
| 39 | ..... | <i>No Peito e Na Raça</i>     |
| 44 | ..... | <i>O Time do Futuro</i>       |

# MANDANDO NO T

O Atlético Mineiro tinha uma artilharia infernal, um meio-campo



FOTOS JOSÉ PINTO

Nos 90 minutos regulamentares e, depois, nos 30 de prorrogação, muitas vezes foi preciso trombar para segurar a máquina atleticana.

**D**urante todo o campeonato o campeão foi o Atlético Mineiro, cantado em prosa e verso por sua campanha que teve um saldo de 49 pontos ganhos, 55 gols marcados contra 22 sofridos, 16 vitórias e nenhuma derrota. Campeão de ponta a ponta. E invicto.

Até a véspera. Porque todos os que pintaram o campeão brasileiro de 1977 de preto e branco se esqueceram de que o futebol é ainda um esporte dividido e somado em partidas de 90 minutos, jogado por homens de carne, osso e vai-

dade, disputado em torno de uma bola tão redonda quanto caprichosa. Esqueceram-se de que a estatística vale, mas somente até certo ponto. E não decide.

No dia da decisão de fato, o campeão era outro, tricolor, vermelho, preto e branco, forte, raçudo e competitivo. Depois de 90 minutos de jogo, mais 30 de prorrogação, mais a disputa de pênaltis, deu São Paulo na cabeça. E não havia nada que obrigasse a dar São Paulo, como não havia igualmente nada que obrigasse a dar Atlético. Havia a regra do jogo que se cumpria com

uma partida igual para todos, uma prorrogação em caso de empate e uma série de pênaltis caso persistisse o empate. Nos pênaltis, Márcio, do Atlético, chutou fora, Bezerra do São Paulo botou dentro. E deu São Paulo na cabeça, com os méritos de quem entrou no campeonato para ganhar o título de campeão e não outros títulos morais e correlatos.

Um time competitivo, é o que se diz desse time do São Paulo. Menos arte e mais trabalho, menos máquina e mais luta, suor e sangue.

# ERREIRO DO GALO

imbatível e todo o povão ao seu lado. Mas o dia era tricolor.



A resistência são-paulina ao ímpeto do Atlético teve lances complicados como este. Mas o Atlético também sofreu ataques perigosos.

No gol até sobrava talento, o que obrigou a um rodízio entre Toinho e Valdir Perez. No miolo da zaga, o que sobrou foram contusões. Jaime fraturou a perna, Hermínio sofreu distensão, Tecão quebrou o braço. E ficaram Estêvão, ainda se adaptando depois de uma longa inatividade, e Bezerra, convertido de lateral em quarto zagueiro, para garantir a situação. E não se diga que não conseguiram. Tanto que Getúlio, além de eficiente lateral, sentiu-se seguro para ir à frente e marcar também seus gols, quatro ao todo. Gols

importantes como aquele contra o Grêmio, o goleiro Corbo mandando a barreira sair da frente e Getúlio enchendo o pé para achar a última gaveta — que abriu o caminho para as finais. Do outro lado, na lateral esquerda ficava Antenor, também improvisado, mas crescendo com muita luta de acordo com a necessidade e o desenrolar do campeonato.

E saindo da defesa, o nível de produção começava a subir, independentemente do esforço de cada um. Chicão, cortado da Seleção sob uma saraivada

de críticas, voltava a mostrar todo seu futebol, ligando ataque e defesa, aparecendo certo nas duas áreas para defender e atacar. Era o ponto de equilíbrio do time, assessorado por Teodoro, que saía do ostracismo para formar uma forte dupla de volantes. Neca, contratado para ser um terceiro homem de meio-campo, se revelou mais um segundo homem de ataque, sendo até o segundo artilheiro do time.

Artilheiro mesmo, era Serginho, no esplendor de sua forma, jogando com inteligência, velocidade, uma inusitada

SEGUIE ▶

# A ÚLTIMA GRANDE GLÓRIA



Bola no peito de Chicão, que comandou o time enquanto corria o tempo normal e a prorrogação. Na hora dos pênaltis, porém, o que valeu foi a catimba de Valdir Perez.



FOTOS JOSÉ PINTO

habilidade, por todas as posições do ataque, e marcando os gols que compensariam as falhas defensivas. Na direita Zequinha, um bom coadjuvante, na esquerda Zé Sérgio, este sim, desequilibrando as coisas.

Ajuntando as peças e compondo o seu quebra-cabeça, o técnico Rubens Minelli, acusado insistentemente de fazer milagres. Ele trabalhou duro, treinou, ensaiou jogadas, procurou antes de mais nada criar um time forte, que acreditasse em sua força, colocando-a a serviço do talento de cada um. Quem acreditou não morreu na véspera.

Uma campanha longa e dura como convém a um campeonato brasileiro. Logo de saída, um giro pelo Nordeste. Na volta um saldo de 2 vitórias — Náutico 1 a 0 e Botafogo da Paraíba 2 a 0 — e um empate sem gols com o CSA. Em Piracicaba, o último jogo fora de casa nesta fase: novo empate de 1 a 1 com o XV. A seguir, a primeira derrota. O Palmeiras ganha de 2 a 0 e Serginho é expulso de campo, um aviso de algo muito mais grave que está por acontecer. Depois, quatro vitórias consecutivas: Santa Cruz 1 a 0, Treze 3 a 0, Sport 2 a 0 e CRB 4 a 0. O campeonato está apenas em sua fase de aquecimento. O São Paulo também. Entre os cinco que se classificam para o grupo de ganhadores da fase seguinte, ele fica em segundo lugar na série B, superado pelo Palmeiras. O Atlético já está disparado na frente, líder geral do campeonato.

A segunda fase é curta e grossa. O São Paulo começa perdendo para o Corinthians, 2 a 0, e Estêvão é expulso. O Brasília é apenas um passeio: 5 a 0. A próxima parada é das mais difíceis e as carpideiras começam seu coro lamentando até a desclassificação. O adversário é o temível Internacional, bicampeão brasileiro. O jogo, em Porto Alegre. E o resultado foi 4 a 1 para o São Paulo, uma ótima oportunidade para se começar a prestar atenção ao azarão que corria por fora, como quem não quer nada. Enquanto o São Paulo abria na raia, o Botafogo vinha fechado, teimando em manter sua invencibilidade a qualquer preço, e o Atlético, com passo firme, mantinha a ponta. O São Paulo fazendo para a conta. Depois de massacrar o Inter, precisava apenas de um empate com o América carioca para garantir sua classificação: 0 a 0. O

primeiro do grupo foi o Corinthians, o São Paulo repetiu o segundo, certo de que campeonato se ganha no fim.

A coisa agora começa a pegar. Seis equipes vão brigar por apenas uma vaga que as coloque na final. No grupo U, além do São Paulo, estão também Ponte Preta (vice-campeã paulista), Botafogo de Ribeirão Preto, Grêmio (campeão gaúcho), XV de Piracicaba e Sport de Recife. A vaga certamente seria decidida entre Ponte Preta, Grêmio e, talvez, o São Paulo. Os outros serviam apenas para atrapalhar. Depois da primeira rodada, confirmou-se a previsão. A Ponte goleava o Botafogo, o São Paulo ganhava bem do XV por 4 a 2 e o Grêmio suava para passar pelo Sport, por 1 a 0.

Na segunda rodada, a primeira decisão. A torcida da Ponte encheu seu estádio para receber o São Paulo. Neca abriu o marcador, Serginho aumentou, Tuta diminuiu. No segundo tempo a Ponte foi para cima em busca da vitória, o São Paulo ficou na defensiva, deixando apenas Serginho para o contra-ataque. E Serginho sozinho não era pouca coisa. Aos 43 minutos ele marcou o terceiro e garantiu os 3 pontos para o São Paulo, abrindo uma boa vantagem sobre o Grêmio, que conseguia ganhar do XV de Piracicaba por apenas 1 a 0.

Embalado, o São Paulo saiu para pegar o Botafogo em Ribeirão. Pauleira. Felizmente o Grêmio também não deveria ter moleza com a Ponte. Em Ribeirão, o Botafogo marcou o seu, depois de uma jogada duvidosa em que a bola teria saído pela linha de fundo; depois o São Paulo empatou, o juiz disse que não valia, Serginho foi conferir com o bandeirinha Vandevaldo Rangel e acabou por agredi-lo. Saiu expulso, derrotado, e ainda com uma terrível ameaça de rigorosa punição. Em Porto Alegre, Oberdã marcou de cabeça e fez 1 a 0 para o Grêmio. Tudo igual entre Grêmio e São Paulo. Os gaúchos levam vantagem com 3 vitórias contra duas do tricolor.

Quarta feira, o São Paulo espera uma folga para ganhar fácil do Sport, enquanto o Grêmio vai pegar outra parada dura contra o Botafogo. Aos 27 minutos do primeiro tempo, o São Paulo está perdendo por 2 a 0. Aos 39 Tovar marca contra e o empate chega no finzinho com um gol de Bezerra. No se-



Sorriso no rosto, muita frieza diante do momento difícil, Valdir Perez fez gozação com todos os batedores de pênaltis adversários. E a vibração começou com ele.



# A ÚLTIMA GRANDE GLÓRIA



A massa atleticana silenciou. No campo, a festa dos novos campeões do Brasil. E havia festa também num pedacinho de arquibancada.



gundo tempo Zé Sérgio desempata, Mirandinha, que substitui Serginho, aumenta para devolver a tranquilidade. Mas, haja coração! Aos 35, o Sport faz o terceiro. O sufoco é total, mas o São Paulo consegue levar o 4 a 3 a bom termo (em Porto Alegre, Grêmio 1 x Botafogo 1).

Tanto jogo e nada decidido. Falta o principal: São Paulo x Grêmio. O tricolor paulista tem vantagens: 1 ponto na frente e o jogo em casa. Pode empatar, mas vai ganhar para entrar na final de cabeça erguida e moral elevado: 3 a 1.

Classificados Atlético e Londrina,

São Paulo e Operário. Agora a coisa é pra valer de verdade. Londrina e Operário só são apontados como grandes zebras porque não têm tradição. Na verdade, estão jogando um futebol de primeira qualidade, como times grandes que não respeitam nem a casa do adversário.

Jogar em casa o primeiro jogo, aliás é a única vantagem do São Paulo contra o Operário. E confirma-se a previsão. O Operário não está mesmo a fim de respeitar. Terminou o primeiro tempo e o São Paulo, de certo modo, tem de dar graças a Deus de estar conse-

guindo manter o 0 a 0. Não é vantagem nenhuma, mas perder é pior e o mar não está pra peixe. Faltam 15 minutos para terminar o jogo, o desespero já está subindo à cabeça. A única esperança é Serginho, que está em campo, com julgamento marcado para daí a dois dias. E Serginho não falha. Aos 32 minutos ele faz o primeiro do São Paulo. Um suspiro de alívio percorre as arquibancadas do Morumbi antes da explosão de alegria da grande torcida tricolor que se faz presente. O primeiro gol desarticula as baterias do adversário e o segundo não demora: Neca aos 42

# A LOJA DE TODAS AS TORCIDAS.

Torcedor do Palmeiras,  
Corinthíans, Santos,  
São Paulo e Portuguesa  
prefere uniformes

esportivos da  
Sport Pedro Rocha.

Você torcedor vai  
encontrar a camisa com  
distintivo para vibrar  
no campo junto  
com seu time.

Na Sport Pedro Rocha  
você encontrará tudo  
para praticar o  
esporte que você gosta.  
Fornecemos também  
artigos escolares.

Apresente este anúncio  
e receba um  
desconto especial.



R. Joaquim Floriano, 768  
Tel.: 280 2770  
CEP 04534 - Itaim  
São Paulo - SP

minutos. A torcida começa a deixar o estádio em delírio, o juiz já está nos descontos quando Serginho marca o terceiro. O último gol, a última contribuição do goleador — vice-artilheiro do campeonato com 18 gols — que na terça-feira iria a julgamento para ser condenado a 14 meses de suspensão. Seus derradeiros gols, mais do que um desagravo à insensatez da repressiva legislação esportiva, valeram como um passaporte e uma homenagem ao título que o São Paulo haveria de conquistar. Com os 3 a 0 o São Paulo poderia jogar em Campo Grande com tranquilidade para perder por uma diferença de até dois gols. (Em Belo Horizonte, num jogo disputadíssimo, o Atlético venceu o Londrina por 4 a 2.)

Ainda bem que o São Paulo podia perder em Campo Grande. Abalado com a pesada punição imposta a Serginho, o time não teve condições para resistir ao bombardeio do Operário. E perdeu por 1 a 0. Como já acontecera em todas as derrotas do campeonato, também teve um jogador expulso: Estêvão, que ficava fora da grande final, assim como Serginho. Enquanto isso, o Atlético sem Reinaldo — o artilheiro do campeonato, suspenso pelo Tribunal Especial da CBD na mesma sessão em que Serginho foi julgado — empatava com o Londrina e também garantia sua passagem para a grande final.

Tempo quente em Belo Horizonte, apesar da chuva que cai desde as primeiras horas. A cidade está toda vestida de preto e branco, gritando "Galo! Galo!, Galo campeão!" Nervosos boatos dão conta de que a diretoria atlética vai recorrer à justiça comum para garantir a escalação de Reinaldo. Serginho também viajou para a capital mineira e está ameaçado de ter de entrar em campo guardado por um mandado de segurança. Os poucos são-paulinos que se aventuram a ir ao Mineirão têm pesadas dúvidas: além de Serginho, Estêvão também não joga por causa da expulsão no segundo jogo com o Operário. E Zequinha não está em sua melhor forma física. Dario Pereyra ainda não se adaptou totalmente para enfrentar os 90 minutos. Perez e Viana são apenas dois garotos. A grande esperança é a experiência de Minelli.

O jogo começa e percebe-se que Minelli não se esqueceu do menor detalhe. O São Paulo está armado para não dei-

xar o Atlético tocar sua bolinha. E o Atlético começa a ser um grande time em seu meio-de-campo. Dario Pereyra não desgruda de Toninho Cerezzo, Teodoro pega firme em Ângelo, Chicão vigia os menores movimentos de Marcelo. O resto fica por conta de Antenor, com incrível saúde para perseguir o Serginho atleticano, Getúlio, que anula Ziza, Tecão, jogando sua melhor partida pelo São Paulo, não dando campo para ação a Caio ou Joãozinho Paulista. E Bezerra, na sobra, cobrindo, salvando, o último que não deixa passar nada. E se deixa ainda tem Valdir Perez em dia de santo.

Na frente, Mirandinha está isolado no meio dos beques adversários, por necessidade; Zé Sérgio dá muito trabalho a Valdemir; Viana surpreende pela vitalidade e dedicação.

A máquina atleticana parou na frente do humilde, mas altivo e valente São Paulo. Marcelo dá seu lugar a Paulo Isidoro, sai Caio Cambalhota e entra Joãozinho Paulista. Mas ninguém encontra o caminho do gol. Quem tem de jogar muito é João Leite, que se desdobra em milagres para impedir a queda de sua meta. E Márcio tira de cima da linha de gol a bola venenosa chutada por Chicão e que ia entrando. Cerezzo, Marcelo, Paulo Isidoro, Ângelo, Ziza; todos craques, que porém não conseguem superar o esquema habilmente planejado por Rubens Minelli e obedientemente cumprido por seus bravos jogadores.

Noventa minutos esgotados e o Atlético ainda acredita que na prorrogação possa vencer a férrea resistência que lhe opõe o São Paulo. Ângelo é atingido por Neca, e depois por Chicão, o jogo continua, sofrido, emocionante.

E chega ao último recurso. A decisão nos pênaltis. Então conta muito mais a experiência, o sangue-frio, a cabeça no lugar. E vai valer mais a catimba de Valdir Perez, embora João Leite tenha se revelado tão bom goleiro quanto ele. João Leite vai defender os chutes de Getúlio e Chicão. Valdir apenas o de Joãozinho. Perez, Antenor e Bezerra vão marcar para o São Paulo. Ziza e Alves para o Atlético. Cerezzo e Márcio chutam para fora. E dá São Paulo na cabeça, que futebol se joga é dentro de campo, onze contra onze e bola pra frente. É tricolor o campeão brasileiro de 1977; vermelho, preto e branco. ❁

# INVICTOS, BICAM

O jogo que deu o bicampeonato de 45-46 ao tricolor teve de tudo:



FOTOS ABRIL PRESS

Noronha, um "monstro sagrado" no bicampeão.

Luizinho, Sastre e Teixeira formavam, ao lado de Leônidas e Remo, o ataque

○ São Paulo comandou o campeonato desde a primeira rodada, mas nada disso ajuda. Este jogo, contra o Palmeiras, é para ganhar ou morrer. Um simples empate provocará uma super decisão com o Corinthians. Esse mesmo Corinthians que incomodou durante toda a campanha e que perdeu apenas quatro pontos em seus vinte jogos. Os quatro pontos das duas derrotas para o próprio São Paulo.

Este jogo vai ser duro. O Palmeiras foi o único clube, ao lado da Portuguesa, a fazer frente ao São Paulo, tirando pontos preciosos na brilhante campanha tricolor. Além disso, o Palmeiras deve uma satisfação à sua torcida por vir mal no torneio e depois de ter sido

bisonhamente derrotado pelo modesto SPR há apenas uma semana. E, enfim, clássico é clássico.

A decisão de verdade já foi jogada há um mês entre Corinthians e São Paulo. Naquele dia 10 de setembro de 1946, 60 mil pessoas bateram o recorde de renda do campeonato para assistir ao grande pega. Um verdadeiro tira-teima. São Paulo e Corinthians já haviam demonstrado claramente que o título não escaparia das mãos de um deles. O Corinthians tinha sérios motivos para jogar tudo contra o São Paulo. Precisava vingar a derrota do primeiro turno. Era o único time em condições de evitar o bicampeonato são-paulino. Estava em jogo a possibilidade de ele mesmo chegar ao título. E acima de tu-

do tinha um grande time: Bino, Domingos e Aldo, Palmer, Hélio e Aleixo, Cláudio, Baltazar, Servílio, Rui e Walter. E havia mais um motivo: o Corinthians precisava vencer o São Paulo para impedir que ele somasse 23 partidas sem derrota e conquistasse a tão prestigiada Taça dos Invictos, que estava em poder do próprio Corinthians. Pelos mesmos motivos, o São Paulo mais do que nunca lutaria com todas as suas forças para uma consagrada vitória.

O jogo começou em ritmo alucinante. Como diria a "Gazeta Esportiva", na segunda-feira, foram "20 minutos de ímpeto e mobilidade". E o Corinthians aos poucos foi se impondo em campo.

Veio o segundo tempo e antes que o São Paulo tivesse tempo de mostrar que

# PEÕES, HERÓIS

grandes jogadas, pancadaria dentro e fora do campo, e heroísmo.



tricolor, um dos melhores de todos os tempos.



Bauer: dos seus pés nasceu o lance do gol da vitória sobre o Palmeiras em 1946.

voltara a campo com outra disposição, aconteceu o primeiro gol tricolor: Sastre cobrou escanteio à meia altura, a bola caiu entre Bino e Domingos que vacilaram e permitiram a entrada de Remo, que completou a jogada de Joelho.

O São Paulo estava impossível. Aos 13 minutos, Leônidas marcou o segundo gol. E o jogo continuou corrido e nervoso. Rui e Gijo quase chegaram às vias de fato, o mesmo acontecendo na outra área com Domingos e Leônidas. Enquanto isso, Luizinho perdia um gol incrível. Depois foi a vez de Rui se desentender com Leônidas, e Luizinho insistia em errar o gol. O Corinthians conseguiu marcar através de Baltazar, e, antes do fim, Aleixo, do Corinthians, foi expulso. Acabou-se o jogo, o São

Paulo passa dois pontos à frente do Corinthians e fica a um passo do título. Nesse segundo turno ainda haveria de empatar com a Portuguesa (1 a 1), como já acontecera no primeiro turno.

Agora falta apenas o Palmeiras, que é a última esperança para os corinthianos. Em todo o campeonato, o São Paulo conseguiu 16 vitórias, 3 empates, marcou 61 gols (um a menos que o Corinthians, que já havia encerrado sua campanha), sofreu 20 gols (tem a melhor defesa, ao lado da Portuguesa). Seu artilheiro é Teixeira, com 14 gols (o artilheiro do campeonato é Servílio, do Corinthians, com 19), seguido por Leônidas, com 12, Luizinho, 10 e Remo, 9.

A semana da decisão contra o Palmeiras começa bem para o São Paulo,

que aplica uma sonora goleada no Juventus: 7 a 0. Mas a euforia é logo substituída por sérias dúvidas. Leônidas nem pôde treinar, Piolim e Teixeira também foram poupados por causa de seu precário estado físico. E no coletivo-apronto da sexta-feira o time reserva vence por 3 a 1.

Do lado do Palmeiras, a derrota para o SPR ameaça uma crise, mas a única dúvida para o jogo é a presença do goleiro Oberdan.

Os portões do Pacaembu são abertos às oito e meia da manhã. O mando do jogo é do Palmeiras e por isso seus sócios não pagam. A alegria maior porém é dos são-paulinos, que já na preliminar assistem ao empate entre os times de aspirantes do São Paulo e do Palmei-

SEGUIE ▶



INVICTOS,  
BICAMPEÕES,  
HERÓIS



No campeonato de 1946, o forte time do Corinthians jogou 20 partidas e perdeu apenas duas: as duas contra o São Paulo. Na foto,

ras, que confirma a conquista do campeonato amador pelos tricolores.

As três e meia, os dois times estão alinhados em campo, com sua formação completa. O São Paulo com Gijo, Piolin e Renganeschi, Rui, Bauer e Noronha, Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. O Palmeiras com Oberdan, Caieira e Gengo, Og Moreira, Túlio e Valdemar Fiume, Lula, Villadoniga, Canhotinho, Lima e Mantovani. A torcida impaciente, o juiz Bruno Nina trila seu apito, começa o jogo.

A bola rola e só faz aumentar a inquietação da massa tricolor. O Palmeiras surpreende jogando sua melhor partida de todo campeonato. Seus atacantes armam jogadas com muita disposição e com uma coordenação magistral.

O São Paulo joga acuado em seu campo de defesa e só consegue se salvar graças às atuações perfeitas de Piolin e Renganeschi. A linha média do São Paulo, o ponto alto do time, não pode se soltar e passa todo o primeiro tempo mais preocupada em vigiar as investidas inimigas do que em municiar seu próprio ataque. Luizinho e Sastre movimentam-se incansavelmente, sempre ocupados em ajudar sua retaguarda. O ataque fica reduzido praticamente a Leônidas, que muito se ressentia da sua contusão.

O jogo está pintando para o Palmeiras. Ainda mais que o goleiro Gijo, muito nervoso não oferece tranquilidade para seus companheiros de zaga, e em três oportunidades complica-se, sol-

tando a bola nos pés do adversário. Ao Palmeiras só falta um pouco de sorte. Aos 18 minutos, Lima entra pela meia esquerda, passa pela zaga são-paulina e à altura do bico da grande área prepara o chute mortal, enquanto Gijo apavorado sai do gol para fechar o ângulo e a torcida palmeirense e corinthiana prepara a festa. O chute sai torto, perdendo-se pela linha de fundo. Cinco minutos depois o ataque troca a bola próxima à grande área do São Paulo, Mantovani cruza para Lula, Noronha falha clamorosamente e o ponta fica livre à frente de Gijo. Sorte do São Paulo, azar do Corinthians, o palmeirense chuta forte e alto, a bola encobrindo Gijo e a trave.

O São Paulo começa a armar sua



um gol de Leônidas, no clássico do retorno.

reação e agora é a vez de Luizinho chutar fora, à frente de Oberdan. A impressão que se tem, no entanto, é que os jogadores estejam se poupando para decidir a partida no segundo tempo. No primeiro tempo o São Paulo cuida de esfriar o entusiasmo palmeirense, e joga claramente para segurar o zero no marcador.

O segundo tempo começa com um São Paulo já aquecido e um Palmeiras que não esfriou. A bola corre de área a área, com as duas equipes se revezando no ataque. Leônidas acerta um chute forte e colocado, Oberdan defende espetacularmente. Lula recebe a bola, invade a área, chuta forte, Gijo defende e agarra.

Aos 12 minutos a bola é levantada

sobre a pequena área palmeirense, Oberdan salta para fazer a defesa, mas com ele também salta Luizinho, que acaba por atingi-lo. Og toma as dores do companheiro e forma-se o barulho. O conflito se generaliza em campo e passa para as arquibancadas, numa autêntica batalha de socos e pontapés. No fim, entre os mortos e feridos, salvam-se todos, menos Luizinho, Remo, Villadoniga e Og Moreira, que são expulsos de campo pelo juiz Bruno Nina. Renganeschi, atingido no peito, continua em campo, mas, sem condições físicas para jogar normalmente, vai para a ponta esquerda. Em seu lugar na defesa fica Rui.

Com nove jogadores de cada lado, o jogo perde em técnica e ganha em raça. Agora cada um vai ter que jogar por dois, e seja o que Deus quiser. Pior para o São Paulo, que na prática só pode contar com 8 jogadores.

Ou não. Sem poder correr e fazer maiores esforços Renganeschi se coloca junto à grande área palmeirense, cuidando apenas para não atrapalhar seus companheiros ou ser surpreendido em posição de impedimento.

Uma correria maluca em campo. Aos 38 minutos Bauer avança pela ponta direita e cruza fechado para a área. A bola sobe, encobre Oberdan, bate na trave e volta limpinha para o quase inútil Renganeschi. O zagueiro só tem o trabalho de empurrá-la para dentro do gol: 1 a 0, e só faltam 7 minutos. Nada mais vai poder tirar o título do São Paulo. A torcida, recomposta da batalha, inicia sua festa no estádio. Enfim passou o sufoco. E é o São Paulo que continua atacando com muita disposição, querendo mais um. Aos 40 minutos, é Leônidas quem ameaça o gol de Oberdan; aos 41, Teixeira. E o Palmeiras não se entrega. Já nos descontos, Valdemar Fiume entra livre na área, tenta colocar a bola à saída do goleiro, Gijo rebate, a bola volta a Valdemar Fiume e o juiz apita uma falta que ninguém viu.

A torcida suspira aliviada, mas ainda vai ter de suportar outro susto, com Gengo atirando forte de longa distância, Gijo mal conseguindo tocar na bola que bate na trave e sai pela linha de fundo. O jogo termina.

Agora só existe tempo para a festa tricolor. Renganeschi é carregado em triunfo. O herói do dia. E todos são heróis, invictos e bicampeões de 45-46. ☼

## Aprenda Fotografia e cinema Super-8



### Cursos por correspondência Fotografia Camera

Um curso extremamente dinâmico escrito por especialistas no assunto. Uma obra atual com numerosos testes e centenas de fotos e desenhos.

Os nossos professores analisarão pessoalmente as suas fotos.

E tudo sem sair de casa. Dois volumes impressos a cores e branco e preto.

### Super-8

Este curso, único no Brasil, está escrito numa linguagem simples e agradável. Você vai aprender todos os segredos de montagem, iluminação e os mais espetaculares truques cinematográficos. Sonorização e filmagem de títulos não serão mais nenhum mistério para você. Grande oferta de lançamento.

**INSCRIÇÕES: NA NOSSA SEDE  
R. AUREA, 65 - V. MARIANA - S. PAULO  
OU PELO CORREIO.**

**GRATIS: ESCREVA-NOS AINDA HOJE  
OU PREENCHA O CUPOM  
ABAIXO E RECEBA GRATUITAMENTE  
UM FOLHETO INFORMATIVO DOS  
CURSOS CAMERA.**

**Nikon School**



**CAMERA PHOTOAGENTUR  
CAIXA POSTAL 22260 - CEP 01000  
SÃO PAULO - SP**

Nome .....

Endereço .....

..... N.º .....

Bairro ..... CEP .....

Cidade ..... Estado .....



*Meu time inesquecível*

# AS LEMBRANÇA



Frederico Menzen foi três vezes presidente e quatro vezes vice-presidente do São Paulo. Mas, mesmo

sem ocupar cargos de diretoria, nunca deixou de acompanhar de perto o futebol do tricolor. E durante toda a sua vida de são-paulino fanático, viu grandes times e craques, que aqui vai recordar.



Com seu Ford 35, Frederico Menzen foi buscar novos craques.



FOTOS ABRIL PRESS

Este é o time imbatível de 1943: em pé, Zarzur, Piolim, King,

# S DO SÓCIO Nº 1



Virgílio, Zezé Procópio e Noronha; agachados, Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Uma perfeita combinação de categoria e raça.



*Meu time  
inesquecível*



Três nomes legendários do tricolor: Rui, Bauer e Noronha (aqui, entre os veteranos).

**T**empos atrás, dizia-se que alguém deveria fazer uma estátua do doutor Frederico Menzen para ser colocada em frente à sede do tricolor. Importante: que a estátua representasse o doutor com a mão no bolso. Exatamente por ser o homem que metia a mão no bolso generosamente para ajudar o clube nos seus momentos de maior dificuldade, nos dias difíceis que se seguiram à sua fundação, em 1936, ele ganhou o título número 1.

Frederico Menzen, hoje com 86 anos, vivendo da aposentadoria de coordenador do Instituto Biológico de São Paulo e morando em casa alugada, foi três vezes presidente e quatro vezes vice-presidente do clube, tendo estado sempre presente nos momentos decisivos da vida do tricolor. Fazia parte do grupo heróico de vinte fundadores que efetivamente seguraram o clube em seus

primeiros passos; foi o mentor da fusão São Paulo—Estudantes que deu alento e força ao tricolor, e foi também um dos grandes batalhadores para a construção do Morumbi.

Em 1935, quando eleita a primeira diretoria do São Paulo, o doutor Frederico foi escolhido como o representante do clube na Liga Paulista de Esportes. Como tal ele não só se tornou o responsável pela inscrição do São Paulo, como também pela formação de seu primeiro time de futebol. Mas desde muito antes, quando ainda existia o São Paulo da Floresta, ele já acompanhava atentamente o futebol do tricolor paulista. Até hoje:

“Se não o mais emocionante, o mais surpreendente título conquistado pelo São Paulo foi o campeonato brasileiro de 1978. Eu acreditava, como de resto todos os torcedores brasilei-

ros, que o Atlético tinha um time muito superior ao nosso e que deveria ganhar até com certa facilidade. Quando a decisão foi para os pênaltis, fiquei mais certo ainda de que o Atlético ganharia. Aí ganhou o São Paulo e a satisfação foi maior”.

Muito lúcido, o doutor Frederico não tem dúvida de apontar o maior e melhor jogador da história do clube:

“Hoje falam muito no Pelé, mas para quem viu o Friedenreich jogar fica difícil fazer uma comparação. Era centroavante valente e corajoso, e também muito inteligente. Ele não se contentava apenas em marcar gols. Ele expunha seus pontos de vista ao treinador e dentro do campo era quem orientava os companheiros e organizava o time”.

E o doutor Frederico conta duas histórias de “El Tigre”, “apelido colocado pelos argentinos e uruguaios que tinham um medo tremendo dele”.

“Naquele tempo, jogador de futebol não era usado como garoto-propaganda. Mas o Fried foi. Ele gostava muito de cerveja e a Companhia Antarctica pagava para ele chegar nos botecos da cidade e pedir uma Antarctica bem gelada. Mas a melhor dele aconteceu num jogo contra o Guarani, no campo da Floresta. O São Paulo precisava da vitória e o primeiro tempo terminou 0 a 0. Aí, no intervalo, um torcedor o chamou no alambrado e lhe prometeu pagar um conto por gol marcado.

Foi só dar a saída e ele marcou o primeiro. Olhou para o torcedor e fez sinal de que estava tudo bem. Tudo bem. Logo depois ele marcou outro e o torcedor começou a ficar preocupado. Quando fez o terceiro, o sujeito ficou desesperado. Três contos era muito dinheiro, e o torcedor gritou para ele parar. O Fried respondeu: ‘Só mais um, de choro’. E marcou o quarto”.

Mas qual teria sido, para o doutor Frederico, o maior time da história do São Paulo?

Com um brilho de orgulho nos olhos, ele cita sem vacilar o esquadrão dos anos 40:

“Gijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira”.

Era o tempo em que a moeda caía de pé e o São Paulo ficava campeão:

SEGUIE



O estudo por correspondência é a solução prática e objetiva para aqueles que não podem perder tempo !

E nós do **INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO** nos orgulhamos de oferecer o que existe de mais moderno nessa modalidade de ensino.

**Afinal são 40 anos de experiência !**

**RADIOTÉCNICO** (COM PEÇAS E FERRAMENTAS GRATUITAS)

**TORNEIRO MECÂNICO**

**AUXILIAR DE ENFERMAGEM**

**SUPLETIVO DE 1º GRAU**

**CORTE E COSTURA**

**BORDADO, TRICÔ E CROCHÊ**

**DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO**

**ELETRICIDADE**

**DESENHO ARQUITETÔNICO**

**DESENHO DE MECÂNICA**

**REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO**

**MECÂNICA GERAL**

**MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS**

**MATEMÁTICA 1º e 2º GRAUS**

**ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS**

**SUPLETIVO DE 2º GRAU**

**RÁDIO, TRANSISTORES, TELEVISÃO (preto e branco e a cores)**

**AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**INGLÊS**

**AUXILIAR DE ESCRITÓRIO**

**SECRETARIADO MODERNO**

**CONTABILIDADE PRÁTICA**

**PORTUGUÊS 1º e 2º GRAUS**

**TELEVISÃO EM PRETO E BRANCO E A CORES**

**CURSOS RÁPIDOS ! Mensalidades ao alcance de todos.**

Matricule-se com urgência e receba as lições do curso escolhido, bem como todo o material necessário, gratuitamente.

**MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.**

6867

**Instituto Universal Brasileiro**  
Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 202  
Caixa Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Sr. Diretor: Peco enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de \_\_\_\_\_ por correspondência.

(INDICAR O CURSO DESEJADO.)

NOME \_\_\_\_\_

RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_

ESTE É PARA SEU AMIGO.

6867

**Instituto Universal Brasileiro**  
Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 202  
Caixa Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Sr. Diretor: Peco enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de \_\_\_\_\_ por correspondência.

(INDICAR O CURSO DESEJADO.)

NOME \_\_\_\_\_

RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_

ESTE CUPOM É SEU.



“Houve uma reunião na Federação e ali estavam os representantes de Corinthians, Palmeiras e São Paulo fazendo as previsões de quem seria o campeão do campeonato que ia começar. O corinthiano jurava que dava Corinthians, o Palmeirense pagava para dizer que o título seria do Palmeiras. E chegaram ao seguinte acordo: se jogassem uma moeda para cima e ela caísse de um lado, seria o Corinthians; se caísse do outro, seria o Palmeiras. Então o São-paulino reclamou: ‘E para o São Paulo, não sobra nada?’ E os dois responderam, gozando o colega: ‘Só se a moeda cair em pé. No fim do campeonato de 43, a torcida do São Paulo desfilou pelas ruas da cidade com um carro alegórico representando uma grande moeda em pé.’”

Era o tempo em que os torcedores perguntavam antes do jogo não se o São Paulo ia ganhar, mas *de quanto* o tricolor ia vencer.

Goleiro era o Gijo. Não era um grande goleiro. Melhor foi o King, que jogava antes do Gijo. King veio para o São Paulo, através das mãos de Menzen, para formar o primeiro time do São Paulo, em 36:

“Não tínhamos time e fui a Curitiba à procura de jogadores. Comprei até um carro para a viagem, um Ford 35, que conservo até hoje, pois ele representa muito para mim e para o São Paulo. De Curitiba eu trouxe o Segoa, o José e o King. O King não jogava bola e era irmão do Teleco, o centroavante do Corinthians. Quando encontrei o Teleco, contei que tinha trazido o irmão dele para ser o *goal-keeper* do São Paulo. O Teleco deu uma gargalhada e disse: ‘Esse cara não joga coisa nenhuma. Ele nunca foi jogador de futebol, e é agora que eu vou encher vocês de gol.’ Pois o King, na época, acabou sendo considerado um dos melhores goleiros do futebol brasileiro.

King jogou apenas até o início da fase áurea do futebol tricolor. Foi substituído por Gijo, que não era um craque, mas nem precisava ser, pois na linha de beques jogavam Piolim e Renganeschi — este último “um argentino danado de bom”, como diz Menzen. Mas é sobre Piolim que ele fala:

“O Piolim formava uma verdadeira barreira ao lado do Renganeschi. Jogavam com muita seriedade e não davam folga para os atacantes adversários. Foi



Friedenreich foi o Pelé da sua época: um gênio dos gramados. Era tão popular que

o jogador mais complicado para renovar contrato que já vi na minha vida. Não criava caso, não. Terminava o contrato dele, ele sumia. Morava no interior, ia para sua casa e não aparecia mais. A diretoria tinha de ir atrás e para trazê-lo de volta era uma dificuldade. Mas era só voltar e ele entrava no time e jogava como se não tivesse acontecido nada. Até o fim do contrato”.

Rui, Bauer e Noronha formavam a linha média. Desses o doutor Frederico fala muito pouco. Diz apenas que Bauer foi chamado de “o monstro do Maracanã” por suas atuações durante a Copa de 50, que Rui e Noronha estavam encostados no Vasco antes de irem para o São Paulo e que os três juntos eram a própria razão de ser de todo o futebol praticado pelo time inteiro, Rui, Bauer e Noronha. Para o doutor

Frederico os três nomes são o bastante para explicar tudo:

“O Rui e o Noronha estavam encostados no Vasco. Lá não jogavam. Vieram para o São Paulo e acabaram com a bola. Acho que o segredo era o tratamento que o clube dispensava aos jogadores, sempre com muita dignidade e respeito. Agora o Bauer era nosso mesmo, foi criado aqui no São Paulo, uma das mais brilhantes revelações do incansável Vicente Feola.”

A linha de atacantes começava com Luizinho na ponta direita, “um extrema de verdade”, diz Menzen:

“O Luizinho vinha driblando, driblava todo mundo, até chegar à linha de fundo para o cruzamento. Quando ele pegava a bola, a torcida já ficava esperando: um centro do Luizinho valia meio gol”.



recebia para fazer propaganda de cerveja.

Jogador inteligente e catimbeiro, foi o responsável por grandes conquistas e também por grandes confusões dentro de campo. Fazia a sua parte. Ao seu lado, na meia direita, ficava outro argentino: Sastre.

“Esse também estava encostado na Argentina. Já havia jogado até na seleção, mas diziam que seu futebol tinha acabado. Veio para o São Paulo, chegou desacreditado, levou algum tempo para se adaptar, demos-lhe atenção e, com o nosso tratamento de respeito e dignidade, ele se transformou. Era ele quem cantava o jogo para o time. Gritava ‘Tché’ e todo mundo no campo entendia. Um grande jogador. Tinha uma limitação. Não gostava de marcar gols: ‘Me corre azar’, dizia em seu portunhol. Preparava toda a jogada e na hora de marcar passava para um companheiro.

Servia os companheiros ‘com manteiga’, dizia-se. Mas teve uma partida em que fez 5 gols. Foi contra o Juventus. Partida dura, difícil, e o zero não saía do marcador. Nada dava certo. De repente o Sastre parou no meio do campo e cruzou os braços. Ninguém entendeu. O homem endoidou. E endoidou mesmo. Depois disso ele fez os cinco gols da vitória do São Paulo”.

O centroavante era o Leônidas, outro que o doutor Frederico compara a Pelé, não fossem outros os tempos em que ele exibiu seu extraordinário talento. O homem que inventou a bicicleta. Outro que veio para São Paulo desacreditado, depois de ter se desentendido com os dirigentes do Flamengo. “Negrinho esquisito”, difícil de se tratar, com toda a manha carioca, mas que no São Paulo recuperou a plenitude de sua forma:

“Devemos a ele grande vitórias”. Frederico Menzen é econômico em elogios aos grandes ídolos, às grandes estrelas. Talvez porque craques dispensem apresentações. Talvez por que ele se emocione muito mais com a garra, com o amor à camisa demonstrado por outros jogadores, que talvez não fossem tão brilhantes. Como o meia esquerda daquele portentoso supertime: o mineiro e baixinho Remo.

“Sei que veio de Minas, não me recordo de que time. Acho que era do Cruzeiro, pois tínhamos uma combinação para trocar jogadores. Era baixinho, mas tinha uma raça admirável. Apanhava de todo mundo o jogo inteiro, mas quando mais batiam, mais ele jogava. Não era jogador de ficar rolando e fazendo fita no chão. Aliás, ele caía, mas não ficava na grama. Era cair e levantar para disparar com a bola. Um azougue. Ele dava o exemplo de coragem e dedicação, baixinho e fraquinho, o coitado, e todos os companheiros se sentiam na obrigação de imitá-lo. Um time que tinha jogadores talentosos como Rui, Bauer, Noronha, Sastre, Leônidas, e que não dispensava a raça de um Remo ou um Luizinho”.

A equipe se completava com Teixeira na ponta esquerda. Teixeira ou Pardal. O primeiro era prata da casa, mais uma das criações de Feola; o segundo veio do Rio Grande do Sul. “Extremas de verdade”, repete seu Frederico, um tanto decepcionado com os “armandinhos” que se escondem pelas pontas do futebol atual. Naquele tempo não havia enganação. Ponta era ponta. Ou extrema, melhor dizendo. Jogador com obrigação de driblar quantos marcadores lhe aparecessem pela frente, chegar à linha de fundo e fazer o centro, que já era meio gol. A emoção quase sempre começava por ali, com os extremas. Luizinho na direita, Teixeira ou Pardal pela esquerda.

Um grande time que, com eventuais modificações, dominou completamente a década de 40. No gol passaram King, Gijo e Mário. Piolim deu seu lugar a Savério, enquanto Renganeschi foi substituído por Mauro. Rui no começo se revezou com Zarzur. Noronha e Bauer foram absolutos. Luizinho cedeu a extrema direita para Friaça. Sastre deu lugar a Ponce de León. Depois Leônidas, Remo e Teixeira ou Pardal. Campeões em 43, 45, 46, 48 e 49. ❁



# UM AMOR QUE NÃO ADMITE TRAIÇÃO

Tirando os torcedores-símbolos ou os mais fanáticos, toda a torcida são-paulina tem uma característica muito especial:

é exigente e orgulhosa das glórias do clube. Por isso, se o time vai mal, ela se sente traída e deixa de ir ao campo.

**O** São Paulo acabou de ser goleado pelo Santos. Na porta do hall de entrada do Morumbi, uma senhora baixinha, gordinha, morena, camisa vermelho, preto e branco, saia preta, chora sem inibição e sem consolo.

O São Paulo acabou de ganhar do Atlético Mineiro. Venceu nos pênaltis e ganhou o campeonato brasileiro de 1977. Numa casinha humilde quase no centro de São Paulo, a mesma senhora gordinha, baixinha e morena, não consegue conter sua alegria e chora deslavadamente.

Maria Campos, idade não revelada, doceira do Hotel Normandie, é assim. Pelo seu São Paulo ela não economiza lágrimas. Chora quando ganha, quando empata, quando perde. Ela é a Filhinha, que todo são-paulino conhece por sua desmedida fidelidade ao São Paulo. Não casou porque não tinha mesmo de casar, mas adora dizer que elegeu o São Paulo para seu único e verdadeiro amor. Gosta de dizer também que nasceu na maternidade São Paulo, embora isso possa não ser verdade. Se dependesse dela, teria nascido mesmo na maternidade São Paulo, rua São Paulo, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo e seria embrulhada num manto vermelho, preto e branco. Então, faz de conta que é verdade.

Não costuma receber favores do clube, e já se considera uma privilegiada. Se pudesse, queria mesmo era oferecer vantagens, dar muito dinheiro ao seu São Paulo. É sócia do clube há 25 anos, desde os tempos do Canindé, e pouco frequenta a sede social. Mas não perde jogo de seu time. Começou a ir aos estádios em 1949, quando a mulher era ainda considerada uma presença estranha ao futebol. Mas sua paixão venceu os preconceitos e a resistência familiar. Fi-



LEMYR MARTINS

Maria Campos, a Filhinha, uma paixão cega e de graça, que já dura pelo menos 25 anos.



Este espetáculo sempre se repete quando o time merece aplausos. Foi assim na década de 40 e também em 70, 71, 75 e 77.



O São Paulo foi o pioneiro das torcidas uniformizadas do país: a TUSP foi criada em 1938, por Manoel Raimundo Pais de Almeida.



JOSE PINTO

Hoje, são treze as torcidas organizadas.

lhinha é um caso perdido, irrecuperável. Seu coração é tricolor e não tem cura. E o que a fez tão doente pelo São Paulo foi o próprio São Paulo, nada mais:

“O São Paulo é demais. Sua camisa é maravilhosa, sua bandeira é maravilhosa, seu nome, seu estádio, seus títulos, tudo do São Paulo é maravilhoso. Eu gosto porque gosto e porque não desgosto”.

Paixão cega e de graça. Filhinha é o símbolo do torcedor são-paulino, muito embora o são-paulino típico tenha pouca coisa a ver com ela. O são-paulino antes de tudo é exigente. Ele sabe o que quer. E torcedor quer mesmo é um time vencedor, cheio de glórias e craques. O são-paulino não se deixa enganar. Quando o time está mal, some dos campos. Não que seja acomodado, como pode parecer. Em suas brigas de amor ele sabe fazer uma chantagenzinha emocional. Se não é correspondido, vira as costas para o seu time, embora isso possa lhe causar o maior sofrimento.

Porque o são-paulino é extremamente orgulhoso. É torcedor “de quatrocentos anos”, mesmo que tenha chegado ontem do nordeste e esteja morando numa favela da periferia. O tricolor não faz sua opção de graça. Ele se orgulha do Morumbi e repete sempre que é o maior estádio particular do mundo. Quando fizerem outro maior, certamente dirá que é o primeiro maior do mundo. Ele tem orgulho de suas cores. Sabe que o Flamengo é rubronegro, o Corinthians alvinegro, mas só o São Paulo é alvi-rubro-negro. O resto é imitação ou está incompleto. O são-paulino tem orgulho de suas glórias. E divide sua história em duas etapas: uma fase de lutas para a fundação do clube e para a construção do Morumbi, lutas essas que historicamente justificam a ausência de títulos; e a fase do futebol, futebol do grande time dos anos 40, cinco vezes campeão paulista, futebol dos anos 70, o São Paulo quatro vezes campeão, em oito anos.

O são-paulino tem orgulho do pioneirismo do São Paulo, apesar de o clube só ter sido fundado em 1935, quando o futebol já era uma velha instituição brasileira. Mas o São Paulo foi o primeiro a disputar uma partida profissional, o primeiro a jogar de noite, o primeiro a ter uma torcida uniformizada.

Então, o São Paulo tem de ser o melhor time para satisfazer sua orgulhosa

e exigente “clientela”. Que também não é tão pequena como pode parecer. Em todos os anos que o São Paulo foi campeão, sua torcida também superou todas as demais comparecendo em massa aos estádios. Em 1970, em 71 e em 75, o São Paulo foi o campeão e o líder de rendas em São Paulo. E mais recentemente, quando disputou a semifinal do Campeonato Brasileiro de 1977 contra o Operário, o São Paulo levou mais de 100 mil torcedores ao Morumbi. A maioria, são-paulina, claro.

Seria o são-paulino um torcedor de elites sociais? Ele não gosta de dizer que sim. Prefere afirmar que sua torcida tem penetração em todos os segmentos sociais, e que dentro do estádio todo mundo é povo. E tem explicações para justificar tal discriminação. A primeira: o São Paulo é o herdeiro natural das glórias e dos simpatizantes do refinado Paulistano no futebol. A segunda: sua administração muito bem-dotada, esteve quase sempre em mãos de figuras da elite social — como Laudo Natel, ex-governador do Estado e ex-presidente do clube. Se a diretoria faz parte das camadas mais altas da sociedade, então, por analogia, a torcida também é de elite. E como a torcida tricolor é normalmente bem comportada, comedida em suas explosões de entusiasmo e de revolta, exigente, pouco assídua, fica mais fácil aceitar tal analogia. Na verdade não é bem assim. E Hélio Silva, chefe da Torcida Uniformizada do São Paulo — a primeira do Brasil, fundada em 1938 por Manoel Raimundo Pais de Almeida — fala sobre o constrangimento da gente mais humilde que vem solicitar inscrição entre seus uniformizados:

“Tem gente que vem pedir para torcer para o São Paulo, com medo de não ser aceita na TUSP porque não tem uma boa roupa nem dinheiro para comprar uma camisa. Tenho de explicar que o mais importante é o amor pelo São Paulo”, diz ele.

Uma torcida que prefere a alegria, à agressividade nos estádios. Não tem troféus de guerra, nem se tem notícias de memoráveis batalhas campais nas quais esteve empenhada, mas ostenta com ufanismo o título de “mais querido” para seu clube. A história remonta aos anos 30. O então presidente da república Getúlio Vargas assistia ao desfile das delegações que abriam o Tor-

SEGUIE



IUGO KOYAMA

Joaquim Simão Gomes, 82 anos, dá ao São Paulo o que tem de melhor: amor e trabalho.

neio Início do Campeonato. Deslumbrado com a vibração da torcida no momento da apresentação da delegação são-paulina, Getúlio atribuiu-lhe o título de "mais querida". Logo depois surgiria a Torcida Uniformizada do São Paulo, que ainda existe, hoje ao lado de outras treze, que congregam aproximadamente cinco mil tricolores. Inclusive

uma torcida feminina — a primeira organizada do gênero no Brasil, segundo sua atual chefe, a Malu.

Orgulhosa sim, de elite não; exigente sim, acomodada não; pouca assídua sim, pequena não; bem comportada sim, desanimada não; comedida sim, fria não. E tem seus casos de amor perdido, como Filhinha, como Hélio Silva,

como Malu. E como *seu* Joaquim.

O *seu* Joaquim é um pouco mais do que um torcedor. Humilde, com seu indefectível chapéu e seu terno simples mas impecável, pode ser encontrado todos os dias na sala de espera da sede do São Paulo, ou na porta dos vestiários dos senhores árbitros nos dias de jogo no Morumbi.

*Seu* Joaquim é funcionário do São Paulo e já trabalhava para o clube antes mesmo de ele existir. Foi roupeiro das Palmeiras antes da fusão com o São Paulo, em 29. *Seu* Joaquim é, pois, um pouco da história do São Paulo. No novo clube que nasceu da fusão ele além de roupeiro tinha a grande responsabilidade de vigiar os jogadores, nem tão bem comportados do início do profissionalismo. E foi zelador dos muitos campos que o clube teve, na Mooca, no Canindé e na Floresta. E teve algumas missões importantes:

"Antigamente os jogadores tinham de passar por um corredor de tela, no meio dos torcedores, bem ao alcance da mão curiosa de qualquer um. Então o São Paulo teve a idéia de fazer um túnel. Mas não era bem um túnel como os que existem hoje: era um buraco coberto com uma grade".

O São Paulo foi também o precursor dos jogos noturnos. *Seu* Joaquim acompanhou todos os trabalhos da iluminação do campo da Floresta — o presidente do clube era presidente também da Light — e teve ao seu encargo outra séria responsabilidade:

"Fui eu quem pintou a bola para o primeiro jogo noturno no Brasil. As bolas de couro na época eram de cor natural. Para os jogos noturnos elas tinham de ser pintadas de branco. Eu fazia isso para o São Paulo. E fazia tão bem que até o River Plate da Argentina me fez umas encomendas".

*Seu* Joaquim fala com muito entusiasmo sobre o futebol de antigamente, "quando se corria os 90 minutos e se falava menos em dinheiro". Lembra com saudades do time de 40, "quando ninguém perguntava se o São Paulo ia ganhar, mas perguntava logo de quanto o São Paulo ganharia".

E hoje, com 82 anos, Joaquim Simão Gomes continua dando a melhor contribuição para o clube que mais ama: seu trabalho. ✪

# PROMOVEL EMPRESTA 24.000, OU MAIS COM A MENOR TABELA DE FINANCIAMENTO

# DINHEIRO

Promovel dá 24.000 ou mais.



- Você pagará a 1.<sup>a</sup> parcela após 50 dias
- Crédito em 24 horas

**24.000**

**PROMOVEL**  
**Zogbi**  
**Financeira**



- Menor tabela de financiamento

COMPRE  
O QUE QUISER,  
ONDE QUISER!

**24.000**

Comando

SÃO PAULO: Av. Brig. Faria Lima, 888 - 2º andar.  
Rua São Bento, 283.

ARARAQUARA: Rua São Bento, 817.

CAMPINAS: Rua Francisco Glicério, 1326 -  
2º andar - sala 21.

JUNDIAÍ: Praça Governador Pedro de Toledo, 24  
2º andar - sala 27.

OS GRANDES  
ÍDOLOS

# ESTES CRAQUES NUNCA MORRERÃO



Na memória viva da torcida ou através da história do clube, jogadores como Leônidas, Bauer, Gino, Poy, Mauro, De Sordi, Rocha, Zizinho, Gérson, Fried, Sastre e Serginho sempre viverão.



FOTOS ABRIL PRESS

## LEÔNIDAS

**N**oite de 1942. Mais de 10 mil pessoas estão concentradas na estação da Central, em São Paulo. Leônidas fora contratado pelo São Paulo Futebol Clube, que havia pago 80 contos pelo seu passe e lhe dera 200 contos, cobrindo também as dívidas que o Flamengo tinha com o craque carioca que já conquistava três campeonatos nacionais para sua cidade: 1931, 1938 e 1940.

O São Paulo deu tudo a Leônidas: passe livre e médicos e técnicos em alimentação para o colocarem em forma. Até que veio o dia da estréia, em maio, contra o Corinthians. Nesse dia, 70.218 pessoas passaram pelos portões do Pacaembu. O jogo terminou 3 a 3 e Leônidas não teve grande atuação.

Contudo, o "Diamante Negro" — apelido ganho em Montevideu, na Copa Rio Branco de 1932 — iria trazer muitas glórias ao São Paulo. Em 42, mesmo com Leônidas, o São Paulo não foi campeão. Mas, depois, iniciou-se a grande fase do tricolor, vencedor dos campeonatos paulistas de 43, 45, 46, 48 e 49. E o pentacampeonato só não aconteceu porque, em 1947, o Palmeiras ganhou o título.

As equipes do São Paulo desses anos entraram para a história do nosso futebol (principalmente o time de 1946 que venceu o Palmeiras na final do campeonato paulista por 1 a 0, gol de Renganeschi, no segundo tempo: Gijo, Piolim

# PLACAR 1979

## Abril

D S T O O S S  
**1** 2 3 4 5 6 7  
**8** 9 10 11 12 13 14  
**15** 16 17 18 19 20 21  
**22** 23 24 25 26 27 28  
**29** 30

## Malo

D S T O O S S  
**1** 2 3 4 5  
**6** 7 8 9 10 11 12  
**13** 14 15 16 17 18 19  
**20** 21 22 23 24 25 26  
**27** 28 29 30 31

## Junho

D S T O O S S  
 1 2  
**3** 4 5 6 7 8 9  
**10** 11 12 13 **14** 15 16  
**17** 18 19 20 21 22 23  
**24** 25 26 27 28 29 30

## Julho

D S T O O S S  
**1** 2 3 4 5 6 7  
**8** 9 10 11 12 13 14  
**15** 16 17 18 19 20 21  
**22** 23 24 25 26 27 28



a qualidade que manda



22 23 24 25 26 27 28  
29 30 31

### Agosto

D S T O O S S  
1 2 3 4  
5 6 7 8 9 10 11  
12 13 14 15 16 17 18  
19 20 21 22 23 24 25  
26 27 28 29 30 31

### Setembro

D S T O O S S  
1  
2 3 4 5 6 7 8  
9 10 11 12 13 14 15  
16 17 18 19 20 21 22  
23 24 25 26 27 28 29

### Outubro

D S T O O S S  
1 2 3 4 5 6  
7 8 9 10 11 12 13  
14 15 16 17 18 19 20  
21 22 23 24 25 26 27  
28 29 30 31

### Novembro

D S T O O S S  
1 2 3  
4 5 6 7 8 9 10  
11 12 13 14 15 16 17  
18 19 20 21 22 23 24  
25 26 27 28 29 30

### Dezembro

D S T O O S S  
1  
2 3 4 5 6 7 8  
9 10 11 12 13 14 15  
16 17 18 19 20 21 22  
23 24 25 26 27 28 29





## BAUER

e Renganeschi, Rui, Bauer e Noronha, Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira). Neles todos Leônidas despontou como grande craque. Em 1950, jogou apenas uma vez, contra o Nacional. Chegou a técnico do time, mas sua vocação mesmo era a de jogador.

Em 1951, jogando num combinado São Paulo-Bangu, despediu-se do futebol na Bélgica. Antes do São Paulo, seu último time, jogara no Sírio Libanês, no Bonsucesso, no Vasco, no Botafogo e no Flamengo, além de várias seleções. Disputou as Copas de 34 e 38, sendo artilheiro desta última com 7 gols.

Leônidas da Silva, o "Homem de Borracha", inspirador do chocolate Diamante Negro e uma marca de cigarros, é considerado o inventor da "bicicleta":

"Não sei ao certo se fui eu mesmo que inventei. Posso garantir, no entanto, que fui um dos primeiros a fazer esse tipo de jogada. Geralmente a jogada nascia quando o centro vinha alto demais para o chute e muito longe para a cabeçada. Era uma jogada perigosa. Eu me jogava contra a bola e com o gol às minhas costas. E, na horizontal, levantava primeiro o pé esquerdo e depois baixava-o com violência, enquanto o direito alcançava a bola e a desviava com força, vencendo o goleiro".

Há cerca de nove anos, Leônidas deixou sua atividade de comentarista esportivo de rádio e hoje só trabalha na Secretaria do Trabalho.

Seu nome é até hoje lembrado pelos torcedores antigos e também pelos mais novos, pois ele formou numa das mais famosas linhas médias do futebol paulista: Rui, Bauer e Noronha. É José Carlos Bauer, que conquistou muitos títulos de expressão no futebol do país.

Em 1944, chegou à equipe principal do São Paulo, quando Zezé Procópio deixou o clube. Foi bicampeão em 45-46 e outra vez em 48-49. Sua participação no Campeonato Paulista, quando o São Paulo conquistou o título invicto de 46, é lembrada com orgulho pelo jogador, que hoje trabalha na Associação dos Funcionários da Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Ele escala com facilidade a equipe campeã:

"Aquele time perdeu apenas um jogo no primeiro turno para o Corinthians por 2 a 1. Depois só voltou a perder em 47. Era Gijo, Piolim e Renganeschi, Rui, eu e Noronha, Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira".

Em 1950, Bauer chegou à Seleção Brasileira. Seu futebol assombrou o mundo inteiro, no Maracanã, quando passou a ser chamado de "o monstro do Maracanã". Foi considerado um dos melhores jogadores daquele campeonato do mundo. Em 52, sofreu uma contusão no pé e muitos chegaram a dizer que jamais voltaria a jogar. Mas atuou em 55 e 56, pelo Botafogo do Rio, sempre com brilhantismo. No ano seguinte, deixou o futebol, abraçando a carreira de técnico.



## GINO ORLANDO

Em 1952, o São Paulo contratava um centroavante do Comercial da Capital. Se não era um jogador tão técnico como Leônidas, pelo menos tinha algo em comum: Gino Orlando sabia fazer gols. No ano seguinte, ele já era campeão paulista, na equipe formada por Poy, De Sordi e Mauro, Pé-de-Valsa, Bauer e Alfredo, Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira.

"Toda a minha fama foi feita no São Paulo", explica Gino, hoje administrador do estádio do Morumbi. "Eu era um jogador voluntarioso, brigador. Estava sempre tentando gol. Mas naquela época acho que era mais fácil, porque eu não precisava voltar para o meio do campo. O Ziza e o Amauri, na época deles, faziam isso por mim. Além disso, o Maurinho e o Canhoteiro corriam pelas pontas e driblavam muito bem. Quer dizer, eu só esperava os cruzamentos e as deixadas da defesa."

No ano de 1957, Gino Orlando foi campeão paulista e artilheiro do Campeonato com 13 gols. A equipe era a seguinte: Poy, de Sordi e Mauro, Dino, Victor e Riberto, Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.

"Fiquei dez anos como centroavante do São Paulo e marquei 244 gols. Em 1963, larguei o futebol e fui trabalhar no IBC. Em janeiro de 69 fui convidado para ser ao administrador do Morumbi e estou nisso há dez anos", diz ele.



## JOSÉ POY

**Q**uando o goleiro José Poy chegou ao São Paulo, em 1948, o titular era Mário. E mesmo com a fama de grande goleiro do Rosário Central, seu time na Argentina, teve que disputar a posição. Ficou alguns meses na reserva e depois do dia em que chegou ao time titular permaneceu nele durante 15 anos consecutivos.

Poy é um dos poucos que conquistaram quatro títulos paulistas pelo São Paulo: 48, 49, 53 e 57.

“Sempre fui muito respeitado pela torcida. Cheguei até a ser lembrado para integrar a Seleção Brasileira. Mas como eu era argentino não teve jeito”, lembra Poy, 52 anos, 30 de São Paulo, trabalhando hoje no Departamento de Promoções do clube.

Sempre se dedicando ao São Paulo,

em 1963 ele passou a ser treinador das equipes juvenis e infantis do Morumbi. Em 65 e 71, trabalhou no time profissional como técnico, voltando posteriormente para as divisões inferiores do clube. Mas foi no período de 73 a 75 que Poy alcançou sua melhor fase como técnico do São Paulo. Em 1973 foi vice-campeão nacional; em 74 vice-campeão da Taça Libertadores e, em 75, campeão paulista.

“Fizemos a melhor campanha do São Paulo em toda sua história: fomos invictos, campeões de renda, o artilheiro foi Serginho, o goleiro menos vazado foi Valdir Perez, ataque que mais gols fez foi o nosso. Gosto de lembrar dessa campanha, pois isso me deu tanta alegria quanto no tempo em que eu era um goleiro respeitado.”

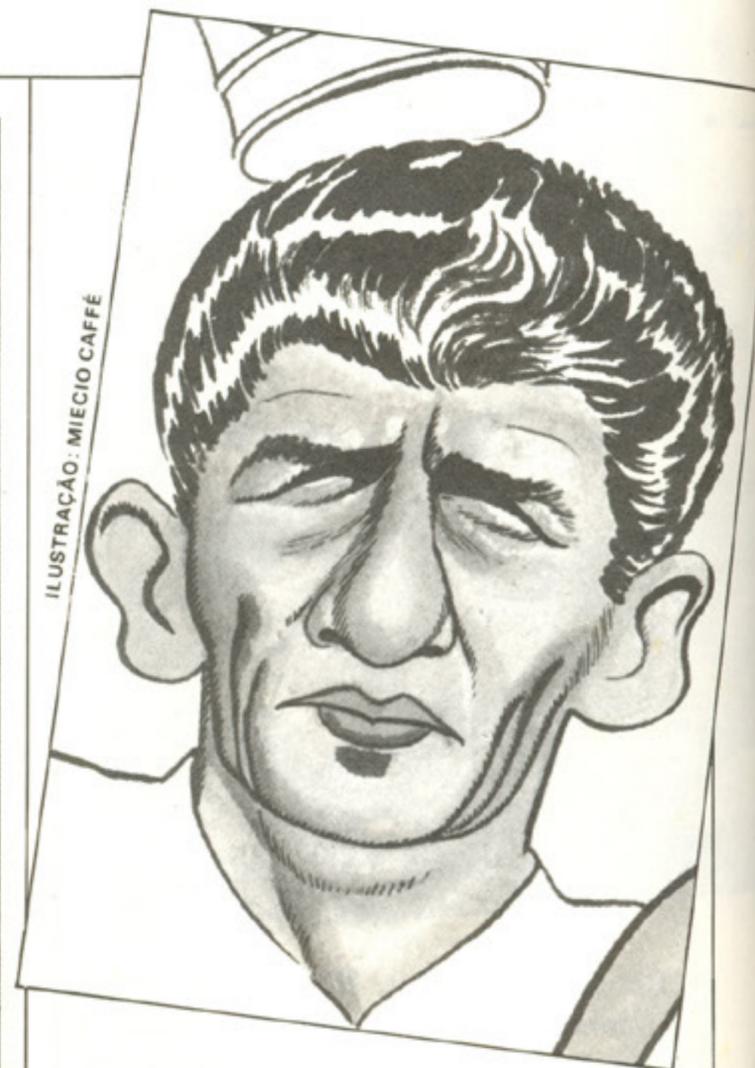


ILUSTRAÇÃO: MIECIO CAFFÉ

## DE SORDI

**N**ewton de Sordi, lateral-direito campeão do mundo em 58, não era um jogador alto, nem forte, nem brilhante. Mas muito eficiente, não brincava em serviço. Arriscava-se nas divididas, sempre para tirar a bola da grande área, durante 16 anos o seu local de trabalho.

De Sordi nasceu em Piracicaba e começou a jogar no XV de Novembro local, em 1949, como zagueiro de área. Dois anos depois, numa partida contra o São Paulo, jogou como lateral-direito. Os dirigentes gostaram do que viram e o contrataram.

Em 53 e 57, ele foi campeão paulista, formando com Mauro uma zaga famosa, obrigatória nas seleções de São Paulo. Nessa época, De Sordi já disputava com Djalma Santos o título de melhor lateral-direito do Brasil.

Na Copa do Mundo de 58, em plena forma, De Sordi ganhou a posição. Mas no jogo contra a França, semifinal, ele distendeu um músculo e, na final, diante da Suécia, o titular foi Djalma Santos.

Em 62, novamente convocado, De Sordi acabou cortado antes do embarque para o Chile. Ele havia voltado a jogar no São Paulo como zagueiro de área e estranhou a lateral. Três anos depois, encerrou sua gloriosa carreira e foi morar no Paraná.



ILUSTRAÇÃO: MIECIO CAFFÉ

## MAURO

Dentro e fora do campo, poucos jogadores foram tão elegantes quanto Mauro. Apareceu ainda menino no São Paulo, vindo da Caldense, onde todos prognosticavam uma carreira de sucesso para o zagueiro.

Mauro foi campeão pelo São Paulo em 1949, formando a dupla de zaga com Savério. Nessa época, Mauro tinha apenas 18 anos e seria titular da Seleção Brasileira, no Campeonato Sul-Americano desse ano.

Zagueiro que jogava em pé, muito sóbrio, raramente recorria às jogadas violentas para desarmar o adversário, embora fosse vigoroso e enérgico nas suas intervenções.

Observador excelente, jogador de categoria elevada, foi bicampeão mundial em 58 e 62. E a ele coube erguer a Taça Jules Rimet na conquista do Chile.



ABRIL PRESS

## PEDRO ROCHA

Considerado o melhor jogador uruguaio da década de 60, convocado para a seleção da FIFA entre os melhores do mundo, Pedro Virgílio Rocha teve seu passe comprado pelo São Paulo ao Peñarol em agosto de 1970, por 880 mil cruzeiros. Foi recebido pela torcida no aeroporto, com muita festa, mas não teve a atuação esperada na equipe. Quando chegou ao time, o dono da posição era Gérson, e como competir com o prestígio do meia tricampeão do Mundo? Por isso, Pedro Rocha aceitou uma situação desfavorável: jogar numa posição estranha.

Aos poucos, no entanto, as nuvens começaram a se afastar. Primeiro Gérson saiu do São Paulo. Depois, foi o técnico. O esquema do time começou a mudar, a ficar mais parecido com o que ele jogava no Peñarol.

Em 1975, Pedro Rocha foi novamente campeão paulista pelo São Paulo, numa campanha invicta. O técnico José Poy prestigiou bastante Pedro Rocha e essa foi a melhor fase tricolor de "El Verdugo" (o apelido é herança do goleador argentino Eduardo Hoberg, primeiro a ser chamado "carrasco dos goleiros adversários"). Em 1976, o São Paulo não fez boa campanha e, no ano seguinte, com a chegada do técnico Rubens Minelli, Pedro Rocha esteve para se transferir para vários clubes, inclusive a equipe norte-americana do Dallas Tornado. Acabou sendo emprestado ao Coritiba, onde foi campeão paranaense no ano passado. Este ano, Pedro Rocha acertou seu empréstimo ao Palmeiras até dezembro.



ABRIL PRESS

## ZIZINHO E GÉRSO

São Paulo estava perdendo a hegemonia do futebol paulista, em 1957. Os títulos ficavam entre o Corinthians e o Santos, este último iniciando ali sua grande ascensão no futebol brasileiro. Naquela época era moda o futebol de Honved, da Hungria. E o São Paulo contratou o técnico húngaro Bella Gutman. A equipe tinha bons jogadores: Poy, um goleiro seguro; os zagueiros De Sordi e Mauro; Dino Sani, no meio-campo; Maurinho e Canhoteiro, nas pontas; a raça de Gino, como centroavante. Mas faltava um líder, um jogador com experiência que pudesse organizar esse time.

Zizinho foi contratado ao Bangu e com ele veio o título máximo de 57, conquistado com superioridade indiscutível do São Paulo. Com 35 anos, Thomaz Soares da Silva, "Mestre Zi-

FOTOS ABRIL PRESS

za” não era o jogador que a maioria esperava ver na equipe. Todos pensavam que aquela seria uma campanha fracassada, a maioria dizendo que ele não suportaria a correria infernal do futebol paulista. Mas Zizinho veio para dar o toque especial de sua personalidade ao quadro, e a campanha desmentiu os incrédulos.

Na hora dos lançamentos, ninguém melhor do que ele para aproveitar a velocidade de Maurinho ou a impetuosidade de Gino. No momento de segurar o ritmo, lá estava Zizinho, como um maestro regendo a orquestra.

Sua carreira foi cheia de sucessos. Começou no Byron de Niterói e foi levado ao Flamengo, onde sua consagração veio rapidamente. Titular do Flamengo, passou a ser também titular nas seleções carioca e brasileira. Em 1945, formou um dos melhores ataques que o Brasil já teve: Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e Ademir. Ídolo no Flamengo, acabou se transferindo para o Bangu. E veio encerrar sua carreira no São Paulo, onde jogou menos do que nos outros clubes, mas deixou um nome considerado por todos.

Doze anos mais tarde, em situação semelhante à de Zizinho, Gérson de Oliveira Nunes foi contratado ao Botafogo, em julho de 69, por 1,8 milhão de cruzeiros. Sua missão era dar moral ao jovem time do São Paulo e comandar a equipe dentro de campo com sua experiência e liderança. E a missão foi cumprida: em seus dois anos e onze meses de São Paulo foi campeão paulista de 70, dando um alento à torcida depois de treze anos de jejum, e repetiu a dose em 71.

“Nós chegamos lá, não foi eu sozinho quem chegou”, diz Gérson, hoje comentarista esportivo da Rádio Jovem Pan. “O Zezé Moreira teve participação muito importante como técnico. Houve algumas contratações, o Zezé promoveu o juvenil Gilberto, lateral-esquerdo, arrumou a casa e pronto. Trouxeram o Toninho, também. Acertamos a equipe e fomos campeões. No ano seguinte o treinador foi Brandão. Foi quando chegou o Pedro Rocha. Tínhamos o Forlan na lateral direita, outro uruguaio, muito bom jogador. O Édson, no meio-campo. Aí acertamos o time e fomos bicampeões”.



Mas quando o “Canhotinha de Ouro” chegou ao São Paulo, a exemplo do que acontecera com Zizinho em 57, não foi muito bem-visto:

“Quando eu cheguei”, diz Gérson, sorrindo, “alguns jornais publicaram o seguinte: ‘Chegou o Gérson; mastigaram, mastigaram e jogaram o bagaço aqui em São Paulo’. Quer dizer, cheguei esbagaçado. Mas não moralmente, por-

que nunca conseguiram me atingir moralmente. Então eu mostrei que não era nada daquilo que os jornais publicaram. Quando fui embora, era tricampeão mundial e aqueles mesmos que me criticaram, quando eu cheguei, lamentaram minha saída do futebol paulista”.

Gérson saiu do São Paulo em 72, indo para o Fluminense, onde encerrou sua carreira de jogador.



## FRIEDENREICH

**M**ulato alto, magro, forte, olhos verdes e cabelo crespo. Seu nome: Arthur Friedenreich. Filho de alemão com mulata, Fried nasceu em 1892, em São Paulo, e jogou futebol durante 26 anos, marcando 1 329 gols reconhecidos pela FIFA. Para os argentinos, ele era "El Tigre": drible curto e rápido, agilidade nas deslocções e chute colocado, malicioso.

Começou a jogar futebol quando garoto e aprendeu muitas jogadas com os negros e mulatos das várzeas paulistanas. Em 1914, era o centroavante do Paulistano e estreava na Seleção Brasileira já como grande ídolo. A Europa ficou conhecendo seu incrível futebol em 1925: pela primeira vez um clube brasileiro — o Paulistano — viajou para o Velho Mundo. Foram dez jogos e nove vitórias. A primeira contra a Seleção Francesa, vencida por 7 a 2. No dia seguinte, "Le Jour" publicava: *Les brésiliens, rois du football*. Friedenreich assombrou os franceses e, a partir daí, ficou conhecido como um dos melhores do mundo.

Um ano depois da fundação oficial do São Paulo, em 1931, Fried foi campeão pelo tricolor, com o Esquadrão de Aço: Nestor, Clodô e Barthô, Milton, Bino e Fábio, Luizinho, Siriri, ele, Araken e Junqueira.

Todos aqueles que o viram em ação

entendem que Friedenreich era um jogador tão completo quanto Pelé: malicioso, hábil com a bola e, principalmente, improvisador.

Fried foi um dos grandes ídolos que o São Paulo teve dentro de seu elenco e um dos maiores centroavantes do futebol brasileiro de todos os tempos.

Em 1931, na decisão do campeonato brasileiro entre paulistas e cariocas, Friedenreich tinha 39 anos e ainda era o centroavante dos paulistas. Na seleção carioca, estreava um outro centroavante, um crioulo assustado por ter entrado às pressas na equipe e que acabaria marcando dois gols, dando o título aos cariocas: Leônidas da Silva.

"Eu só conhecia Fried de nome, nunca tinha jogado contra ele. Era muito ágil, uma visão de jogo e um toque de bola exuberantes. Friedenreich era, sobretudo, inteligente. Em 36, 37, ele fez alguns jogos promocionais no Flamengo e eu joguei ao seu lado. Estava com 44 anos, mas ainda assim era melhor do que muitos jovens. Porém, nunca teve um grande porte físico. Acho que se ele e eu jogássemos futebol hoje em dia seríamos vetados pelos atuais técnicos que só querem jogadores de grande físico", diz, irônico, Leônidas da Silva, 1,65 m, hoje com 65 anos, trabalhando como diretor do setor de promoções da Secretaria do Trabalho.



## SASTRE

**A**ntonio Sastre foi um dos mais ilustres estrangeiros do futebol brasileiro. Sua vinda para o São Paulo, em abril de 1943, dividiu a imprensa e a opinião pública ao meio: uns aplaudindo e outros atacando o jogador. Era um veterano e parecia trazer de Buenos Aires apenas a fama. Sua estréia contra a Portuguesa, num sábado, confirmava a presunção dos opositores à sua contratação: o São Paulo foi derrotado por 3 a 1 e Sastre não foi além de uma exibição medíocre.

Porém, nesse mesmo ano, ele levaria o tricolor ao primeiro título de campeão na sua fase de ouro, que foi a década de 40. Com ele o São Paulo conquistou os campeonatos de 43, 45 e 46.

"Sastre era um jogador incomum pelo seu talento criador, pelo ritmo de seus movimentos com a bola ou sem ela e, principalmente, pela força de sua grande inteligência, maior que a do seu chute, de pouca potência", explica Teixeira, ponta-esquerda do São Paulo, bicampeão de 45-46, hoje vendedor autônomo.

"Joguei com ele e posso dizer: era um jogador desconcertante. Nunca se sabia exatamente o que ele iria fazer com a bola. Tudo nele era criação, inspiração e beleza. Era um craque do tipo cerebral. Posso dizer, para explicar melhor o seu estilo, que tinha um pouco do Gérson, do Rivelino e do Clodoaldo, mas não se parecia em nada, separadamente, com o futebol de nenhum dos três", completa Teixeira.



ABRIL PRESS

## SERGINHO

**D**epois do bicampeonato com Toninho, o São Paulo contratou Mirandinha ao Corinthians, que logo se tornou um ídolo da torcida. Em 1974, Mirandinha fraturou a perna numa partida contra o América de Rio Preto. Nesse mesmo jogo fatídico, surgiu um crioulo alto, de 1,88 m, que era reserva do ponta-esquerda Piau: Serginho. Assim, o novo centroavante do São Paulo surgiria por acaso.

“Me lembro bem deste jogo. Eu estava no banco até que o Miranda quebrou a perna. Estávamos ganhando de 1 a 0, gol dele. Entrei no meio e acabei fazendo dois gols. Até aquele dia nunca tinha jogado de ponta-de-lança. Mas não senti a diferença e, com Mirandinha sem poder jogar, acabei ficando na posição”, diz Serginho.

Serginho começou na ponta-esquerda e nunca pensou em jogar na ponta-de-lança. Apesar de sua elevada estatura, sempre demonstrou habilidade para jogar num pequeno espaço de campo. Canhoto de nascença, Serginho jogou nos juvenis do São Paulo em 1970. Disputou o campeonato da categoria até 72. No ano seguinte, foi emprestado ao Marília para disputar o Paulistinha. Mesmo jogando na ponta, Serginho marcou 10 gols, o que lhe valeu a volta para o São Paulo.

No Campeonato Paulista de 74, ano da contusão de Mirandinha, ele não conseguiu se destacar muito. Mas no ano seguinte foi artilheiro do Campeonato com 23 gols e tornou-se campeão paulista pela primeira vez.

Terminando o Campeonato Paulista

de 75, Serginho disputou o Brasileiro, com a mesma eficiência. Já adaptado ao comando do ataque, procurou se aperfeiçoar. Mas em 76 não esteve muito bem. Em 77, para compensar, foi artilheiro do Campeonato Paulista com 33 gols e campeão brasileiro pelo São Paulo.

Ao lado de Valdir Peres e Chicão, Serginho era um nome certo para Seleção Brasileira que iria para a Copa na Argentina. Mas no dia 28 de fevereiro ele foi punido com 14 meses de suspensão, imposta pelo Tribunal Especial da CBD e confirmada pelo Supremo Tribunal da Justiça Desportiva da CBD, por ter agredido o bandeirinha Vandevaldo Rangel.

Agora já está de volta, para alegria da saudosa torcida tricolor. 



# LIVRO, sempre uma boa companhia !

PREENCHA O CUPOM OU FAÇA O SEU PEDIDO POR CARTA.

Não mande dinheiro agora. Só pague ao retirar sua encomenda no Correio.



NA COMPRA DE DOIS OU MAIS LIVROS, VOCE RECEBERÁ, INTEIRAMENTE GRÁTIS, BRINDES-SUSPRESA SENSACIONAIS.

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
| <p><b>133-REGRAS DE FUTEBOL</b><br/>Interpretação das leis do "Football Association". Com 65 esquemas explicativos e 1099 questões e respostas. Indispensável a todos os desportistas e torcedores.<br/><b>Cr\$ 110,00</b></p>                           | <p><b>134-PONTOS DE PORTUGUÊS</b><br/>Lições de gramática para os alunos do 1º grau e candidatos a concursos. Escrito especialmente para ajudar os candidatos a concursos nas provas de Português.<br/><b>Cr\$ 90,00</b></p>  | <p><b>DO YOU SPEAK ENGLISH?</b><br/><b>135-COMECE A FALAR INGLÊS HOJE MESMO</b><br/>Você poderá entender e explicar-se. A PARTIR DE HOJE, na língua universal com poucas horas de leitura e estudo.<br/><b>Cr\$ 90,00</b></p>  | <p><b>136-PROBLEMAS DE ARITMÉTICA</b> Para concursos e cursos preparatórios. Enfaixando mais de 500 problemas apresentados com as soluções desenvolvidas, de maneira a indicar segura e claramente a marcha do cálculo até o resultado final.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p> |
| <p><b>137-FEITIÇOS DE UM PRETO VELHO QUIMBANDEIRO</b><br/>Contendo defumações, banhos, feitiços, orações, mandingas e rezas. Obra completa e necessária a todos os Umbandistas.<br/><b>Cr\$ 120,00</b></p>   | <p><b>138-BANHOS, DEFUMAÇÕES E AMACIS NA UMBANDA</b> Este livro está dividido em duas partes. A primeira apresenta os ingredientes dos banhos de acordo com o Orixá. A segunda trata das defumações, esclarecendo e orientando o Filho de Fé.<br/><b>Cr\$ 95,00</b></p> | <p><b>139-MANUAL DE OFERENDAS E DESPACHOS NA UMBANDA E QUIMBANDA</b><br/>Neste livro o leitor encontrará as oferendas e despachos para cada Orixá, assim como os locais onde devem ser arriados.<br/><b>Cr\$ 110,00</b></p>  | <p><b>140-SÃO CIPRIANO VERDADEIRO CAPA DE AÇO</b><br/>Acompanha grátis um talismã da sorte. <b>ADVERTÊNCIA</b> - Este livro não deve ser emprestado nem mostrado. É de uso privativo do seu possuidor.<br/><b>Cr\$ 220,00</b></p>  |
| <p><b>141-PSICOLOGIA DO AMOR</b><br/>Obra que trata de maneira lúcida das condições em que o amor nasce, transforma-se e fenece. Sonda o mistério das nossas inclinações, comportamento e suas consequências.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>                 | <p><b>142-MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS</b> Obra de forte conteúdo erótico, com descrições vívidas e reais. O autor rememora passagens de sua infância e mocidade, onde encontramos os hábitos e costumes de décadas passadas.<br/><b>Cr\$ 160,00</b></p>       | <p><b>143-O MESTRE DO PRAZER</b><br/>Romance erótico-policia, passado em exóticas cidades orientais. Sexo e mistério, envolvendo tóxicos e contrabando na alta sociedade internacional.<br/><b>Cr\$ 140,00</b></p>   | <p><b>144-SEXO, AMOR E VIDA</b><br/>Uma visão autêntica da vida, do ponto de vista médico, para auxiliar os jovens a identificar seus problemas e estímulos. Obra indispensável a rapazes e moças modernos e atualizados.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>                     |
| <p><b>145-MANUAL DO NAMORADO</b><br/>O mais atual e completo guia para o namoro, em sua vida social, com modelos de cartas e declarações de amor, normas de conduta pessoal, etiqueta, bem-estar, comportamento em sociedade.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p> | <p><b>146-PEÇO A PALAVRA</b><br/>Textos e modelos de discursos para inaugurações, datas cívicas, homenagens, formaturas, festas escolares, batizados, aniversários, casamentos, sepultamentos, etc.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>  | <p><b>147-A CHAVE DE OURO DOS SONHOS E VISÕES</b><br/>Verdadeiro tesouro da Fortuna. Decifração dos sonhos, contendo todas as explicações ao alcance de qualquer pessoa. Contém o "Manual da Cartomante".<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>   | <p><b>148-COMO ATRAIR DINHEIRO</b><br/>Orientações e conselhos para o leitor libertar as forças que existem dentro de si próprio, a partir da conquista da prosperidade e do sucesso.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>   |
| <p><b>149-OS MISTÉRIOS DA MAGIA</b><br/>Romance de fundo espírita, passado no Rio de Janeiro, no início do século. Relata ocorrências de Magia Branca e Magia Negra.<br/><b>Cr\$ 90,00</b></p>   | <p><b>150-LIVRO DE ORAÇÕES DA CRUZ DE CARAVACA</b><br/>O maior repertório de orações a Nosso Senhor: Jesus Cristo, a Nossa Senhora, aos Anjos e aos Santos, para quaisquer circunstâncias e finalidades.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>                                     | <p><b>151-OS RITUAIS SECRETOS DA MAGIA E DO CANDOMBLE</b><br/>uma séria pesquisa realizada pelo autor em documentos históricos e nas mais respeitáveis casas-de-santo da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, e nos mais autênticos terreiros de Quimbanda.<br/><b>Cr\$ 120,00</b></p> | <p><b>152-O LIVRO DO FEITICEIRO</b><br/>Fruto do trabalho de uma rigorosa pesquisa histórica, a presente obra é uma perfeita reconstituição das práticas de bruxaria e feiticaria da Idade Média. Ilustrado com fotos de cerimônias.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>          |
| <p><b>153-AS RELAÇÕES SEXUAIS</b><br/>O leitor é orientado para o conhecimento perfeito do amor físico, suas leis e seus limites, com a finalidade da escolha feliz de uma esposa, ou de um marido.<br/><b>Cr\$ 120,00</b></p>                           | <p><b>154-A ARTE DE DESENHAR A MULHER NUA</b><br/>Método simples e prático de desenho, de grande ajuda para os estudantes de arte, desenhistas e ilustradores. Obra recomendada.<br/><b>Cr\$ 100,00</b></p>   | <p><b>155-DANIELA</b><br/>Excitante romance de sexo, chantagem, prostituição e morte. Suspense total da primeira à última página.<br/><b>Cr\$ 160,00</b></p>   | <p><b>156-CAÇA AO AMOR</b><br/>A difícil experiência de um casamento com um homossexual, relatada pela autora em toda sua realidade, e a sua louca ligação amorosa com um jovem ardoroso. Brilhante sucesso literário.<br/><b>Cr\$ 120,00</b></p>                        |

NOSSO LIVRO EDITORIAL LTDA

Rua da Conceição n.º 162 - Sobrado  
Tel. 223-1598

CAIXA POSTAL N.º 3373  
20.080 • Rio de Janeiro • RJ

DESEJO RECEBER OS VOLUMES ASSINALADOS

|                              |                              |                              |                              |
|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| 133 <input type="checkbox"/> | 134 <input type="checkbox"/> | 135 <input type="checkbox"/> | 136 <input type="checkbox"/> |
| 137 <input type="checkbox"/> | 138 <input type="checkbox"/> | 139 <input type="checkbox"/> | 140 <input type="checkbox"/> |
| 141 <input type="checkbox"/> | 142 <input type="checkbox"/> | 143 <input type="checkbox"/> | 144 <input type="checkbox"/> |
| 145 <input type="checkbox"/> | 146 <input type="checkbox"/> | 147 <input type="checkbox"/> | 148 <input type="checkbox"/> |
| 149 <input type="checkbox"/> | 150 <input type="checkbox"/> | 151 <input type="checkbox"/> | 152 <input type="checkbox"/> |
| 153 <input type="checkbox"/> | 154 <input type="checkbox"/> | 155 <input type="checkbox"/> | 156 <input type="checkbox"/> |

Preencha o cupom de forma legível

Nome \_\_\_\_\_ PL. EST. S. PAULO

Endereço \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_



# MUITO POBRE: ASSIM NASCEU O TRICOLOR

Mas isso foi só no início. Depois, com o passar do tempo, o clube foi ficando rico em todos os sentidos, formando timaços, ganhando torcida, fazendo o gigante do Morumbi.



E ganhando os títulos paulistas de 1931, 1943, 1945, 1946 (invicto), 1948, 1949, 1953, 1957, 1970, 1971 e 1975, ou ainda sendo campeão brasileiro, como em 1977.



FOTOS ABRIL PRESS

Cícero Pompeu de Toledo, o nome imortalizado no estádio tricolor.



O gigante do Morumbi, maior estádio particular do mundo, já foi palco



O time do início dos anos 40, uma década de ouro para o tricolor.



Poy Bellini, Dias, Gino, Benê, Jair, no Morumbi recém-inaugurado.



de duas decisões, em 71 e em 75, de campeonatos paulistas ganhos pelo tricolor.

**T**alvez tenha sido apenas um pretexto. Mas foi depois de uma memorável briga entre os jogadores numa partida contra o São Bento da capital que a diretoria do Paulistano resolveu acabar com seu departamento de futebol. Na verdade havia um motivo muito mais sério para se chegar a essa medida. Era a verdadeira guerra provocada pela cisão do futebol paulista entre a APEA e a LAF, duas federações ocupando o mesmo espaço e dividindo as forças. Eram os dias conturbados do início do profissionalismo e a capitulação do paulistano — que resistia bravamente à idéia de profissionalização — acabou devolvendo a paz e promovendo a reunificação dos clubes sobreviventes sob os domínios da APEA.

Sobrava porém um time com valores da expressão de Friedenreich, Araken Patuska, Valdemar de Brito e Luizinho, e ficava órfã uma grande torcida que já se acostumara a viver as emoções do futebol e as glórias do Paulistano.

Começou-se então a pensar uma fórmula para preencher a lacuna deixada pelo Paulistano. E não foi difícil. A Associação Atlética das Palmeiras, clube também de tradições e títulos no futebol paulista, passava por sérias dificuldades financeiras, com a ameaça de perder seu campo da Floresta, no bairro da Ponte Pequena. Enquanto isso, o espólio do Paulistano — os jogadores e um grupo de dirigentes de bolso recheado — estava por aí, exatamente à procura de um local onde se encostar. A fusão era a solução:

“Aos vinte e seis dias do mês de ja-

SEGUE

neiro de mil novecentos e trinta, nesta cidade, à praça da República n.º 28, compareceram os abaixo assinados, sócios da Associação Atlética das Palmeiras e do Clube Atlético Paulistano, para o fim especial de fundarem um novo clube que represente condignamente a cidade de São Paulo em competições esportivas” (Ata da Primeira Assembléia Geral).

“O São Paulo Futebol Clube é uma instituição fundada pelos sócios aficionados do esporte do futebol do Club Atlético Paulistano e pela Associação Atlética Palmeiras, destinada a proporcionar aos seus sócios a prática de todas as modalidades de esporte” (Artigo 1.º dos Estatutos).

Nascia assim o São Paulo, que teria como motivação maior o futebol. O escudo do time foi desenhado ali mesmo, durante a primeira assembléia, pelo doutor Walter Oliver e suas cores teriam o vermelho e o branco do Paulistano e o preto e branco da Palmeiras. O campo da Floresta foi reformado e no dia 9 de março era reaberto para a realização do torneio início do campeonato paulista de 1930.

Tudo parecia muito bem encaminhado. O São Paulo chegaria ao título em 1931, depois de ter sido vice no ano anterior. Depois do título conquistaria um insólito tri-vice-campeonato, o que não poderia aconselhar nenhum tipo de desespero. Campeão era o Palestra, uma potência.

Tudo parecia bem encaminhado e nem mesmo a dívida de 190 contos de réis deveria assustar. Ainda mais que a diretoria era composta por um poderoso grupo de homens de negócios para os quais dinheiro não era o mais importante. Sobrava. A dívida — acumulada com a montagem da luxuosa sede do Trocadero, um palacete suntuoso na rua Conselheiro Crispiniano — poderia ser liquidada com uma simples e rotineira reunião de diretoria.

Mas os dirigentes preferiam o conforto da Trocadero às emoções das duras arquibancadas. E escolheram exatamente o futebol, o que menos devia, para pagar a dívida. Trabalharam uma fusão com o Clube de Regatas Tietê, onde o futebol não teria vez.

Fusão é modo de dizer, como lembraram os são-paulinos que se mantiveram fiéis naqueles dias de angústia. Na verdade o São Paulo vendeu seu patri-



mônio da Flóresta — que fazia divisa com o Tietê.

Sócios e torcedores do São Paulo não se conformaram. Recorreram à justiça para embargar a negociata e ganharam em primeira instância, com o jogador Barthô sendo nomeado depositário do campo da Floresta. A diretoria recorreu, tomando as devidas providências para tornar legal a transação que anteriormente havia sido realizada à revelia dos sócios. Para tanto convocou uma assembléia geral para ratificar o acordo com o Tietê. Na Assembléia tinham direito a voto apenas os 200 sócios fundadores, considerados senhores absolutos do clube, que acabaram aprovando a fusão.

Revoltados, os são-paulinos que aprenderam a amar mais o time de fute-

bol do que a sede do Trocadero, começaram a se organizar para perpetuar a tradição lançada pelo São Paulo da Floresta. O Grêmio Tricolor, espécie de Torcida Organizada do time, foi o primeiro grupo de resistência ao desaparecimento do futebol são-paulino. Os jogadores fundaram um time: o Independente. Sua existência, porém, foi muito curta e ele acabou se fundindo com o Clube Atlético São Paulo. Mais bem estruturado, um outro grupo se reuniu em torno de Cassio Vilaça para fundar o Estudantes.

Apesar da quantidade de herdeiros faltava ainda um novo São Paulo, tão forte quanto o anterior, para reagrupar todos seus seguidores novamente debaixo de uma única bandeira. E as articulações prosseguiram com reuniões segui-



Três nomes da maior importância para a história tricolor: Porfírio da Paz (na página ao lado, ao alto), Vicente Feola (à esquerda) e Waldemar de Brito (acima). Na administração, na direção técnica ou no campo de jogo, só fizeram engrandecer o São Paulo.

das nas casas de jovens são-paulinos que não tinham o poder econômico dos antigos dirigentes da Floresta, mas que esbanjavam entusiasmo e coragem. Tenente Porfírio da Paz, Manoel Carmo Mecca, Frederico Menzen, Cônego Francisco Bastos, Francisco Pereira Carneiro, Jaime Roso, Isidoro Narvais Caro, Gumercindo Brizolla, José Carlos Freire. Ao todo não passavam de vinte, mas não lhes faltava a audácia. O advogado José Carlos Freire elaborou os estatutos e no dia 16 de dezembro de 1935 era realizada a primeira reunião oficial do novo São Paulo.

O novo São Paulo seria uma continuação do antigo São Paulo da Floresta? Impossível dizer que sim. Legalmente era um outro clube. Revoltados, os fundadores do novo fizeram constar

nos estatutos um artigo que proibia a admissão de sócio que tivesse feito parte da diretoria do antigo. Mas é difícil dizer que um existiria sem o outro. Mesmo porque o mais forte laço que unia os novos fundadores era o amor ao antigo e a revolta por seu desaparecimento.

Mas ali estava o novo São Paulo. E um time era necessário. Porfírio da Paz ficou na capital para recrutar os jogadores que estavam sobrando nos outros clubes, enquanto Frederico Menzen e o primeiro técnico, Del Debbio, foram a Curitiba a procura de reforços. Por enquanto, o clube não teria campo próprio.

Dia 25 de janeiro, a grande festa. Na véspera havia sido inaugurada a sede, e a data, aniversário da cidade, foi reservada para a oficialização da inscrição na Liga e a realização da primeira partida.

O adversário seria a Portuguesa Santista. Local: o Parque Antarctica. Estava tudo acertado, o público devidamente informado, quando surgiu a notícia de que a partida estava proibida pela secretaria de Educação. Haveria desfile militar e não poderia haver futebol. Porfírio da Paz, tenente da Força Pública, não se deu por vencido. Tomou um carro e foi direto à avenida Paulista, onde se realizava o tal desfile. Sem mais cerimônias subiu ao palanque e exigiu do secretário Cantídio Sampaio a liberação do jogo. A ordem foi passada em uma folha do receituário médico de Sampaio. As dificuldades não terminaram aí. Havia gente interessada em que o São Paulo não estreiasse (um jornal da cidade ao noticiar a fundação do clube dissera que havia acabado de nascer um feto morto...). Os bondes que deveriam levar os torcedores da Praça do Correio ao Parque Antarctica foram retirados de circulação horas antes do jogo. E mais uma vez Porfírio da Paz encontrou a solução: alugou carros para transportar os torcedores. O São Paulo jogou (King, Rui e Picareta, Ferreira, José e Segoa, Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho) e venceu por 4 a 2.

Tempos difíceis. Dinheiro, só de rendas do futebol. O São Paulo empatou com o Palestra e a torcida veio do Parque Antarctica ao centro da cidade em festa e à pé: a renda havia sido de 20 mil contos de réis, uma fortuna.

SEGUE ▶

A melhor  
seleção  
em camisas  
e meias.

MEIAS - MALHAS

**campeã**

Viva em forma - Pratique esportes

- Camisas para todos os esportes
- Meias e soquetes esportivas
- Camisas e camisetas colegiais
- Agasalhos esportivos
- Tudo em algodão 100% puro



JOINVILLE - SC

Olivando Oliveira - AP



LEMYR MARTINS

Laudo Natel: a venda do Canindé e a construção do Morumbi foram idéias suas.

Vida apertada. Sócios não havia. Os dirigentes tinham de bancar as despesas que o dinheiro das bilheterias não cobriam. Por isso, tirando os 20 heróicos fundadores, ninguém queria ser nem mesmo conselheiro do São Paulo. Em reunião do Conselho só aparecia o presidente, Cônego Bastos. E quem mais se aventurasse tinha de morrer com o seu.

Vida de cigano. A sorte é que havia muitos campos para os times de várzea. E neles treinava o São Paulo. Escolhia um campo, vinha o fiscal, expulsava, ia para outro, vinha outro fiscal... e assim se treinava.

Concentração era metade na torre da Igreja da Consolação, cedida pelo Cônego Bastos, outra metade na casa do presidente Menzen. Como se conseguir um técnico ao mesmo tempo competente e desinteressado do vil metal? Ficaram sabendo de um rapaz gordinho que andava fazendo sucesso na várzea. Foram procurá-lo e fizeram a proposta.

Ele aceitou e ficou com o São Paulo até o fim de sua vida. Largou-o apenas em alguns raros momentos. Dois anos na Argentina, alguns meses dirigindo a Seleção Brasileira, campeã em 58, decepção em 66. Chamava-se Vicente Italo Feola.

Enquanto o São Paulo padecia de um lado, outra parte da antiga família da Floresta padecia do outro. Era o Estudantes, de Cássio Vilaça, que tinha um bom campo de futebol, cedido pela Companhia Antarctica, e um bom time

de futebol. Suas penúrias, porém, não eram menores. E durante muito tempo se prolongou o namoro para fundir os dois clubes. Quem sabe se somando tantas dificuldades não se conseguiriam algumas facilidades? O maior problema era o nome. O pessoal do São Paulo não admitia outro. O pessoal do Estudantes só queria esse. E a situação se agravando. Os jogadores do Estudantes se revoltaram com o atraso no pagamento e fizeram greve. Os dirigentes do São Paulo conseguiram um dinheiro e contornaram a situação. A situação chegou a um ponto tão crítico que alguns dirigentes do São Paulo resolveram abdicar do nome. Frederico Menzen não permitiu. Ou vai se chamar São Paulo ou não vai haver fusão.

E assim aconteceu. Depois de muita briga, deu-se a fusão. Presidente não poderiam ser nem o do São Paulo, Menzen, nem o do Estudantes, Vilaça. Elegeu-se Piragibe Nogueira, um grande presidente. O São Paulo, então, tirou o pé da lama.

Logo depois, a segunda guerra mundial iria trazer-lhe um benefício. Nesta época, os clubes de imigrantes alemães foram obrigados a mudar de nome. No Canindé havia um, cujos sócios se dedicavam quase que exclusivamente à prática de ginástica, e que ficou em má situação. Então foi proposto que acolhesse o nome do São Paulo. Seus sócios continuariam fazendo ginástica tranquilamente e só teriam de ceder uma

parte de seu terreno para a construção de um campo e demais dependências para abrigar o futebol do São Paulo. Fez-se a fusão e o São Paulo passou a ser conhecido então como o clube do Canindé, onde atravessaria os anos 40 com uma poderosa equipe que seria cinco vezes campeã da década.

O São Paulo ainda haveria de ser campeão em 53, mas a estas alturas sua grande meta era a construção de um estádio definitivo. Em 1949 a situação financeira do clube não era das melhores e já se falava novamente em jogar fora as bolas e guardar as camisas.

Foi quando se chegou um moço para o presidente Cícero Pompeu de Toledo e sugeriu que fosse vendido o Canindé — único patrimônio do clube — para a construção de um grande estádio.

“Não podemos viver de onze camisas, uma bandeira e muitas dívidas nos assustando” disse o moço, que se chamava Laudo Natel.

Parecia tudo muito absurdo, mas não era de graça que o São Paulo se conhecia como o clube da fé. Saíram pois à procura de um terreno onde se pudesse construir tal estádio. Passaram pelo Ibirapuera — então um pedaço de terra alagadiço — e foram bater no Jardim Leonor. Depois de muita batalha nos gabinetes da prefeitura e da Construtora Aricanduva, que fazia o loteamento da área, o São Paulo acabou conseguindo 158 mil metros quadrados: 90 mil metros foram doados pela Aricanduva e pela prefeitura — o prefeito era Fábio Prado — com o fim único e exclusivo de ali se construir um estádio; os outros 68 mil metros foram comprados pelo clube. Depois, ferro, cimento, pedra, cal, areia, cadeiras cativas, carnês, campanhas e 18 anos de trabalho. No dia 15 de março de 1952, Monsenhor Bastos abençoava a área onde seria construída a obra. No dia 25 de janeiro de 1960, o São Paulo disputava a primeira partida no estádio ainda inacabado, enfrentando Sporting de Lisboa — 1 a 0, gol de Peixinho. Em dezembro de 1970 o São Paulo voltaria a ser campeão — a última vez fora em 57 — disputando a final com o Palmeiras num Morumbi completamente lotado e totalmente pronto. Estava realizado o audacioso sonho de Cícero Pompeu de Toledo. ❁

# O SANGUE TRICOLOR FERVEU MUITO MAIS

Naquele dia, mais do que tudo, estava em jogo a raça são-paulina. Os prognósticos eram todos desfavoráveis, pessimistas.

Seria preciso, portanto, jogar com o coração, provar que o sangue, além de branco e preto, era, também, vermelho.



De Sordi, Poy, Sarará, Ribeiro, Vítor, Mauro; Maurinho, Amaury, Gino, Zizinho, Canhoteiro. Os onze heróis da conquista de 1957.

**A**s pessoas esqueceram por um instante os festejos de fim de ano e nem se deram conta da fina garoa que caía sobre São Paulo naquele 29 de dezembro de 1957. Hoje a festa é outra e nem a fria garoa há de atrapalhar.

Roupa domingueira, marmitta debaixo de um braço, bandeiras enroladas sob o outro, os torcedores começam a chegar em grande número a partir das 6 da manhã. Muitos corinthianos, não menos são-paulinos, igualmente fiéis pelo menos quando se trata de decisão. A uma da tarde as dependências do próprio da municipalidade estão total-

mente tomadas e os portões monumentais são fechados.

Faltam ainda mais de duas horas para o início do match sensacional e os torcedores mal acomodados pelas arquibancadas do grandioso estádio aproveitam a espera para repassar suas angústias e esperanças. São Paulo ou Corinthians?

Os corinthianos tinham muitos motivos para estarem confiantes. Quem afinal poderia desafiar o poderoso esquadrão mosqueteiro de Gilmar, Olavo, Cláudio, Luizinho e Rafael? Um time maduro e equilibrado, com a mesma formação básica desde 1950, acostuma-

do a decidir e ganhar muitos títulos. E para aumentar a confiança lá estava o grande Presidente Trindade e o grande comandante da última conquista — o campeonato de 54 — estava de volta. Osvaldo Brandão era uma garantia. E mais: o Corinthians vinha liderando o Campeonato desde a primeira rodada, só se deixando alcançar pelo São Paulo na penúltima quando foi vencido pelo Santos. E de quem era a Taça dos Invictos? Do Corinthians, que ficou 35 partidas sem derrota. A derrota de uma semana atrás só acontecera para aumentar a emoção da grande final. O Corinthians não perde nunca. “É cam-



FOTOS ABRIL PRESS

De Sordi, o lateral-direito da grande final, campeão do mundo no ano seguinte, na Suécia.

peão, é campeão." A massa ensaia seu grito de vitória. É impossível perder.

Do outro lado, melhor instalados nas numeradas, transbordando para as arquibancadas, os tricolores só tinham um motivo para se sentirem eufóricos: Papai Noel. A derrota do Corinthians para o Santos na semana passada só podia ser um presente de Natal. Depois de 16 rodadas correndo atrás do inimigo o São Paulo conseguiria alcançá-lo no último momento. Agora estavam iguais: 28 pontos ganhos, uma derrota e 4 empates e 41 gols a favor para cada um. O Corinthians levava uma pequena vantagem na defesa. Deixara passar 22 gols contra 23 do São Paulo. E naquele momento de expectativa os são-paulinos não podiam deixar de amaldiçoar mais uma vez aquele tal de Alceu, centroavante da Portuguesa, que no primeiro jogo da fase decisiva do campeonato metera 4 gols no São Paulo. Foi a única derrota tricolor, mas bem feito, o tal Alceu não fez mais nada no resto do campeonato. Tinha de ser justo contra o São Paulo, exatamente no dia da estréia de Zizinho, o velho mestre contratado para colocar a ordem na casa.

A decepção daquele dia, era melhor esquecer-la. O Mestre era comparado ao Leônidas de 10 anos atrás. Chegara desacreditado, em fim de carreira, em um time desacreditado, que se classificara para a segunda fase na última vaga, quase por milagre.

Na primeira fase, com 20 clubes disputando as 10 vagas na segunda, o São Paulo se dera muito mal. Mal e mal conseguira agarrar a décima vaga, como um naufrago. E a Portuguesa com seu maldito Alceu tinham de aprontar uma goleada de 4 a 0 logo no primeiro jogo. Depois foi a transformação. Poy voltou a ser um goleiro seguro. De Sordi e Mauro, craques seguros e garantindo a eficiência na defesa. Dino e Zizinho recompuseram um meio de campo habilidoso e traiçoeiro. E mais na frente a velocidade de Maurinho, Amauri, a raça de Gino e a marota habilidade de Canhoteiro. O time jogava na cautela, preparando o momento certo para os lançamentos de Dino e Zizinho que iriam alimentar a velocidade do ataque. O técnico húngaro Bella Gutman já havia definido muito bem sua concepção de jogo e agora já nem precisa falar muito para seus jogadores. Teve muito trabalho para deixar o time no ponto.

Depois que conseguiu, porém, ele já não dá muito palpite. Sabe muito bem que tem jogadores que sabem o que fazer com a bola e deixa-os trabalhar em paz.

Favorito? Só mesmo os tricolores mais fanáticos não acreditam pelo menos intimamente que seja o Corinthians. Já antes de começar o campeonato todo mundo dizia que o Corinthians seria o campeão. Sua campanha justificava as previsões.

Para complicar ainda mais o São Paulo, Dino, peça fundamental de seu jogo, está contundido e foi vetado. Ademais até que é um bom substituto, mas ali pelas arquibancadas corre a notícia de que ele também não joga, impedido por uma desintéria que atacou na véspera. Mal sinal jogador tendo desintéria em véspera de decisão. Confirmado. Joga Sarará, segundo reserva de Dino. Felizmente chega outra notícia: Amauri, suspenso pelo TJD, foi beneficiado por um recurso julgado pelo CND e pode jogar também.

Do lado do Corinthians o único ausente será Roberto. Em seu lugar entra Benedito. Luizinho recuperou-se bem de uma contusão, volta ao time entrando no lugar de Paulo. Pior para o São Paulo, que no primeiro turno, com o time completo, tinha conseguido apenas um empate.

Ninguém se cansa de repetir as histórias desse jogo. Maurinho é um selvagem e Gino um desnaturado que não respeita os sentimentos alheios, dizem os corintianos. Os são-paulinos se desculparam com a fatalidade e gozam a debochada irreverência de seu centroavante. Mas todo mundo está na nervosa expectativa para assistir, além do jogo em si, o duelo particular Gino/Luizinho.

A história toda começou no primeiro jogo. Num lance casual entre Maurinho e Alfredo o zagueiro corintiano saiu com a perna quebrada. Um lance casual, reconheceram todos. E a paz só não foi completa em campo por que Gino e Luizinho passaram todo o jogo às turras. Insultos, piadinhas maldosas, xingamento não escaparam nem mesmo às respectivas famílias. Acabado o jogo a guerra de intrigas espalhou pelos botecos e jornais da cidade. Luizinho, mais ofendido, estava furioso.

Dias depois do jogo os são-paulinos foram visitar Alfredo no hospital. Visita muito cordial, de ex-companheiros



Canhotoiro, como sempre, deixou o corintiano Idário enlouquecido com seus dribles

SEGUIE ▶

# NO PEITO E NA RAÇA



de clube, solidários com seu infortúnio. Tudo teria terminado aí se os jogadores do Corinthians não tivessem tido a idéia de visitar Alfredo no hospital no mesmo dia, na mesma hora. Saíram os são-paulinos, chegavam os corintianos. De repente Gino cai, atingido por um tijolo. Quem foi o autor da tijolada, ninguém viu, ninguém falou. E precisava? Lá estava Luizinho para atrair todas as suspeitas. E agora se reencontram — Gino e Luizinho — pela primeira vez depois de todos os acontecimentos dentro de um campo de futebol. Corintianos e são-paulinos estão pagando para ver no que vai dar.

Três e meia da tarde. As torcidas já esgotaram sua paciência remoendo os últimos fatos, medindo forças, fazendo jogo de adivinhação quando entram os times em campo. O São Paulo vem primeiro. À frente o goleiro Poy, argentino como Sastre, um ídolo do passado. A segui-lo, De Sordi e Mauro, o reserva Sarará, Vitor Riberto; Ribeiro; depois os moleques Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho — recordando Leônidas, carioca e veterano — e Canhoteiro. O grito da torcida tricolor é logo abafado pela vibração corintiana que aplaude seus astros: Gilmar; Olavo e Oreco; Idário, Valmir e Benedito; Claudio, Luizinho, Indio, Rafael e Zague. O sorteio para apontar o juiz deu o apito para o carioca Alberto da Gama Malcher, ficando os ingleses Lynch e Cross com as bandeiras. Preferiam até que o árbitro fosse um inglês, mais distanciando do clima emocional que cerca o jogo. Pelo menos não é um paulista, sujeito a pressões, e comprometido com manobras de bastidores.

Apita o árbitro, a bola rola pelo gramado do Pacaembu. Animado por sua torcida e respeitando suas tradições de garra e coragem, o Corinthians começa com toda a força. Aos cinco minutos o primeiro encontro Gino-Luizinho. O povão quer ver o circo pegar fogo e berra provocações. Uma jogada um pouco mais dura. Dava para continuar o jogo. O juiz apita, chama os dois, mostra sua autoridade, ameaça de expulsão, impõe suas condições de paz. Melhor que os dois são atacantes e fica cada um na sua. Até o fim do jogo não vão se encontrar mais. E a bola correndo, o São Paulo equilibra, garra e técnica fazendo um jogo corrido, disputado, lá e cá.



ABRIL PRESS

Vítor ficou conhecido pelos seus duelos com Pelé. Em 57, porém, já era um campeão.

Quem era favorito já não é mais. Sarará e Benedito jogam bem e é como se não existissem Dino e Roberto. As torcidas já perceberam que o duelo Gino-Luizinho vai ficar por conta daquele lance normal e agora só está a espera de soltar seu grito de gol. Termina o primeiro tempo e ele continua preso na garganta dos torcedores.

Vem o intervalo e quem parece mais satisfeita é a pequena torcida do Santos, discretamente infiltrada entre os dois grandes blocos de corintianos e são-paulinos. O empate obriga a realização de um supercampeonato com a participação de Corinthians, São Paulo e Santos. Quem não é santista está pre-

so por um tenso e nervoso suspense. E a bola volta a rolar, passando de pé em pé, num jogo franco e aberto.

Só a vitória interessa. Zizinho, o mestre, está impossível. Aos 17 minutos ele cobra uma falta buscando Gino em boa posição. A bola vem muito alta, o centroavante mal consegue tocá-la de cabeça. O passe deixa Amauri livre para avançar e marcar na saída de Gilmar. Começa a festa tricolor. Nem parece verdade. O Corinthians deu a saída. Sarará, o pouco confiável segundo reserva de Dino, aparece bem no meio de campo ao lado de mestre Ziza. E é ele quem corta a investida corintiana. Sai jogando limpo e passa a Zizinho

que estica um longo lançamento para Amauri. O veloz Amauri ameaça invadir a área, atraindo os zagueiros adversários, e passa a Canhoteiro que ficou livre para chutar e marcar. O Pacaembu fica pequeno para conter a explosão tricolor. Este jogo não se perde mais, nem que... E o Corinthians faz o seu primeiro gol. Rafael recebe na entrada da área, aplica uma meia bicicleta, a bola toma efeito, engana Poy e entra. O São Paulo está disposto a morrer para não perder. Os três gols aconteceram em apenas cinco minutos e o ritmo da partida é alucinante. Mas o São Paulo morre, seus 11 jogadores morrem em campo mas não perdem esse jogo e esse título. O gol do Corinthians reacende a velha chama da garra e começa o massacre. Gilmar fica apenas assistindo, certo de que o empate sai a qualquer instante e depois pode até acontecer uma vitória. Benedito, o reserva de Roberto, joga bem mas não leva sorte. Acerta a trave duas vezes seguidas e a bola não entra. Não entra, mas não sai da área do São Paulo. Toque de bola, drible, técnica, tudo isso foi esquecido em nome da vitória ameaçada. O que vale é chutão. Chutão para cima, para os lados, para fora, para a frente, chutão para todo lado. Já faz mais de 10 minutos que o Corinthians busca seu segundo gol, e parece que faz um século que o São Paulo se defende bravamente. E falta ainda um século para terminar o jogo quando o chutão de Zizinho pega Gino prevenido para dar outro chutão para a frente. E até parece que aquela jogada foi ensaiada a semana inteira. Maurinho recuado está no meio do campo, tendo ao seu lado apenas o adiantado Olavo. Ele ganha o pique, entra livre, passa por Gilmar e vai parar no fundo das redes com bola e tudo. Gilmar desolado só vê quando alguém lhe passa a mão na cabeça. É Maurinho voltando eufórico de seu gol. Gilmar interpreta o gesto do adversário como provocação — e certamente é — e devolve-o com um tapa e começa o tumulto. Gilmar correndo atrás de Maurinho, Olavo correndo para cima do juiz, um grupo de jogadores tentando entender as explicações do bandeirinha inglês que queria dizer apenas que seu gesto com a bandeira não era para marcar impedimento mas para mandar o jogo prosseguir. Bella Gutman grita como

um possesso e nas arquibancadas a pancadaria é geral. O jogo recomeça 10 minutos mais tarde, depois de retirados de campo os despojos da guerra — garrafas, pedras e objetos identificados apenas por sua procedência corintiana — e o incontrolável Bella Gutman.

Mas nem era preciso mais recomeçar a partida. O jogo já está decidido. O Corinthians é só desespero. O gol de Maurinho devolveu a tranqüilidade ao São Paulo, se é que se pode falar em tranqüilidade com um barulho desses.

Alberto da Gama Malcher ergue o braço, aponta o centro do gramado e apita. Termina o jogo e começa a guerra. Misturada aos confetes e serpentinas tricolores abate-se sobre o campo uma tempestade de garrafas, paus e pedras. É o maior quebra-pau da história do simpático Pacaembu. Todo mundo briga e a massa ameaça invadir o gramado. Os jogadores corintianos cercam o trio de arbitragem ameaçando violências.

Os são-paulinos se guardam, com a consciência do dever cumprido. O juiz apita, Maurinho já está na boca do túnel. Atrás dele Gino e os outros nove. Nos vestiários encontram o agitadíssimo Bella Gutman, com seu nervosismo transformado em louca euforia.

Em cima o pau continua comendo solto. Olavo parte com tanta disposição para tirar satisfações com o bandeirinha inglês que é pedida sua eliminação do "association". Em baixo, nos vestiários é festa. Comemora-se a vitória da raça contra a descrença. Zizinho, o velho mestre, é o herói do campeonato. Com sua técnica, com seu talento, com sua experiência, ele transformou o antes combalido time são-paulino, levando-o ao título. Sarará, o humilde segundo reserva de Dino é o herói do jogo. Para ele só foi preciso garra e boa vontade. As comemorações nos vestiários se prolongaram por mais de uma hora. Mesmo porque do lado de fora não havia clima para festejos tricolores. Lá dentro só falavam da vitória, construída com muita luta, sangue e suor. Em outros tempos o São Paulo ganhou outros títulos com técnica, com classe e categoria. Aquele conquistado no dia 29 de dezembro de 1957 haveria de entrar para a história como o campeonato da raça. Uma vitória que não teve volta olímpica. ❁

**ARTUSI S.A.**  
HIDRÁULICOS E SANITÁRIOS

## faz do comércio uma fonte de amizade.

**Na Artusi S/A você  
encontra grandes amigos  
que vão auxiliá-lo na  
escolha de equipamentos  
hidráulicos e sanitários  
que sua casa merece.  
Se você está construindo  
ou reformando, não  
fique rodando de loja  
em loja, procure  
Artusi S/A que você  
ficará satisfeito com  
nossos serviços e preços.**

**Matriz**  
R. Ivaí, 187  
PABX 295 9011

**Loja 2**  
R. Herval, 212 - S. Paulo  
Tels.: 93 1812 - 92 5426

**Loja 3 Lapa**  
R. Roma, 433/435  
Tels.: 262 3659 - 65 1970

**Loja 4 Luz**  
R. Cantareira, 1125  
Tels.: 227 8430 - 228 9559

**Loja 5 Centro**  
Av. Vieira de Carvalho, 10  
(esq. Pça. da República)  
Tels.: 222 4665 - 222 5848

**Loja 6 Tatuapé**  
R. Ulisses Cruz, 761

## O TIME DO FUTURO

# AO FUTURO, COM

No Morumbi a garotada recebe todos os cuidados. Está dando certo



MANOEL MOTTA

Cidinho, técnico dos juvenis, tem boa parte do sucesso do tricolor em suas mãos. Já revelou muitos craques e promete novos ídolos.

**A** história continua e o futuro a Deus pertence. A Deus e a Alcides Romano Júnior, o Cidinho, técnico das equipes juvenis do São Paulo. Trabalhando com cerca de 70 garotos, do dente-de-leite (até 14 anos) e de três equipes juvenis (de 15 a 19 anos), consumindo cerca de Cr\$ 2,5 milhões por ano, Cidinho e seus meninos representam o futuro.

“Na verdade, os resultados são imprevisíveis”, diz Cidinho. “Às vezes um jogador no qual a gente coloca a maior fé não dá em nada e outro, que a gente não está nem enxergando, estoura e se transforma num grande craque.”

De qualquer maneira é um trabalho que já mostrou fartamente sua validade. Como diz o próprio Cidinho, se de cada grupo de setenta forem aproveitados dois

jogadores no time profissional, está justificado todo o esforço e todo o investimento aplicado em sua formação.

Quem não se lembra do São Paulo campeão paulista de 1975? Sua força onde estava? No seu habilidoso e empenhado meio de campo formado por Pedro Rocha, Chicão, Murici e Zé Carlos, os dois últimos representando a mais pura e legítima prata da casa. Sem falar de Arlindo, Gilberto, Mauro e Silva, reservas da maior utilidade —, e Serginho, o artilheiro do campeonato. E, mais recente, está na memória de todos, o São Paulo da final do Brasileiro 77, em pleno Mineirão, com Perez, Viana, Zé Sérgio, e com a sentida ausência de Serginho, já um goleador consagrado.

Sim, por seus antecedentes, o futuro do São Paulo é de Cidinho e de seus

meninos. Não que o time que aí está signifique tão somente o presente. Valdir Perez, com seus 28 anos, nem atingiu ainda a idade de ouro dos goleiros. Já esteve numa Seleção Brasileira em Copa do Mundo e representa a garantia de gol fechado para o São Paulo por mais alguns bons anos. Uma garantia reforçada por Toinho, mais jovem mas que já provou suas qualidades, no banco de reservas.

Chicão não é tão jovem, mas sua saúde e disposição para entrar em qualquer disputa atestam que ele ainda está longe do fim. Jogador de seleção, como Zé Sérgio, um ponta que soma o velho e o novo em seu futebol de muita habilidade e muita solidariedade.

E há ainda Bezerra, Teodoro, Perez, Neca, Viana, sem a mínima pretensão

# MUITO CARINHO

No Morumbi a garotada recebe todos os cuidados. Está dando certo.



JOSÉ PINTO

Serginho é só um dos craques que nasceram no São Paulo. O armador Perez, já no time de cima, e Müller, prometem novas alegrias.

# O TIME DO FUTURO



RONALDO KOTSCHO



Murici, agora de volta, tem todo tempo do mundo para provar que é um fora de série. Zé Sérgio, ponta-esquerda moderno, já passou.

de aparecerem como estrelas de primeira grandeza, mas que com aplicação e dedicação desempenham com propriedade o papel de coadjuvantes, indispensáveis a qualquer grande time.

Esse mesmo time, que ultimamente tem alternado fases nem tão boas com grandes conquistas quase sempre creditadas ao gênio estratégico do técnico Rubens Minelli, na verdade ainda não pode dispor de todo seu potencial. O próprio Minelli, a quem não agrada nem um pouco o título de milagreiro que lhe tem sido atribuído desde que chegou ao São Paulo, lamenta não ter podido ainda usar a um só tempo toda a força de seu time.

Uma força que não pode ser negada e que foi minada com acontecimentos como aqueles que envolveram Dario Pereyra e Serginho. Dario Pereyra, 22 anos, uruguaio, contratado por Cr\$ 5 milhões já está no São Paulo há mais de um ano e só jogou 29 partidas. Motivo: seguidas e misteriosas contusões. Sérgio Bernardino, 24 anos, formado na escolinha de futebol do São Paulo, ficou 8 meses sem jogar. Motivo: uma suspensão de 14 meses (agora revogada) imposta pelo STJD por agredir o bandeirinha Vandevaldo Rangel num jogo entre São Paulo e Botafogo de Ribeirão Preto pelo campeonato Brasileiro de 77.

Dario Pereyra tem um futebol privilegiado feito de muita movimentação, muito vigor físico, ampla visão de jogo, raça uruguaia e um trato com a bola à brasileira. Serginho, um dos mais completos centroavantes brasileiros do momento, habilidoso, inteligente, excelente porte físico e, o mais importante, artilheiro. Por dinheiro nenhum, em lugar nenhum o São Paulo encontraria reforços melhores para seu time. E eles estavam lá no Morumbi, um lutando contra seu ingrato destino, outro contando os dias que passavam.

Outro era Murici. Depois de uma aparição surpreendente, uma ascensão vertiginosa, com um futebol que rapida-



FOTOS JOSÉ PINTO

pela experiência de uma Copa do Mundo e Viana, no meio-campo, foi um dos heróis tricolores na final do Brasileirão 77, contra o Galo.

mente o colocou entre os ídolos mais amados do clube, ele caiu em desgraça com sua própria sorte e ficou sem jogar por dois anos, curando uma penosa contusão. Voltou há pouco, mostrando que quem nasce sabendo não desaprende nunca.

E com Murici, começaram a aparecer no time do São Paulo algumas caras novas. Os últimos reforços, buscados em Pernambuco e no interior de São Paulo. Do Náutico vieram Marião e Chico Fraga. O primeiro, zagueiro de bom tamanho, que começou no Guarani de Campinas, participou da excelente campanha do Operário de Mato Grosso no Campeonato Brasileiro de 76, pas-

sou pelo Internacional de Porto Alegre e chega agora ao Morumbi com a missão de dar consistência à sua defesa. Chico Fraga, jogador da seleção brasileira amadora que em 75 foi campeão nos jogos Pan-Americanos, companheiro de Marião no Inter e no Náutico. De Barretos, no Interior do Estado veio Wilson Tadei, um meio-campista que sabe tratar a bola.

E ninguém se surpreenda com um ponta direita, Valtinho, que está sendo preparado para entrar logo logo no time principal. Ex-juvenil do São Paulo, é ponta de ir à linha de fundo e não perde oportunidade de fazer, ele mesmo, os seus golzinhos.

Valdir Perez, Getúlio, Marião, Bezerra, Chico Fraga, Chicão, Dario Pezera, Murici, Valtinho, Serginho e Zé Sérgio. Esse poderá ser o time das futuras alegrias que bem merece a torcida tricolor. E ainda temos um excelente banco de reservas com Toinho, Antenor, Estêvão, Teodoro, Tadei, Neca, Milton, Zequinha, Edu... e já tem gente sobrando nesse banco. Quem for são-paulino pode dormir tranquilo, desengavetar suas bandeiras, reservar seus ingressos, que seu futuro é promissor.

E depois tem o Cidinho e seus meninos. É bom até ir chegando mais cedo ao Morumbi para assistir às prelimina-

SEGUE ♦

# O TIME DO FUTURO



RONALDO KOTSCHO

Gilberto, hoje no Santos, revelado no Morumbi e campeão paulista em 1975.

res e ficar conhecendo os futuros craques. Já tem gente pronta para subir a curto prazo e tem gente se preparando para chegar lá só daqui a uns cinco anos. O pessoalzinho do juvenil C, com idade entre 15 e 16 anos, por exemplo, forma um time que é uma máquina. Foram até campeões da categoria em 78. E olha que o departamento amador do São Paulo não tem nenhuma preocupação em ficar ganhando títulos de juvenis. Se ganharam é porque são bons de verdade. Cidimar, Flávio, Sérgio Márcio, Poá, Túlio, Moisés, Santana, Ronaldo, Jonas, Ricardo, Rogério, Para-

ná, Pecorari, Zizinho, Luís Fernando, Ferreira, Edson, Assis. Anote esses nomes, guarde bem guardado e confira daqui a cinco anos.

Antes, porém, deverão surgir outras surpreendentes revelações. E ninguém deve se espantar de não haver nenhum são-paulino na seleção brasileira de juvenis. Acontece que o São Paulo está trabalhando com jogadores mais jovens e a comissão técnica preferiu convocar apenas os mais experientes. Está certo o São Paulo: quem não mostrou qualidades até os 18 anos, não adianta insistir: não vai mostrar mais. Para Cidi-



JORGE GUIMARÃES

Chicão, ainda com muito futebol pela frente.

nho, a idade-limite é 18 anos, quando ainda existe possibilidade de se formar o atleta. Nessa faixa o São Paulo dá todas as condições para que o garoto seja um craque mais tarde. Condições materiais, como casa, comida, estudos, assistência médica, dentária, social e psicológica. Sobre essa estrutura é aplicado o trabalho de base físico e técnico. Tudo em estreita sintonia com o departamento profissional, que é para facilitar a adaptação do juvenil quando ele passar para o time principal.

Quase sempre essa passagem não é direta. Frequentemente o juvenil é em-



SEBASTIÃO MARINHO

Zé Carlos, um estilista do meio-campo, também vindo da escolinha.

# SERVIÇO TÉCNICO PHILIPS. ESTE TIME SEMPRE GARANTE BOM RESULTADO.

O Serviço Técnico Philips tem 17 oficinas próprias espalhadas pelo Brasil. Em todas elas você encontra os maiores craques em eletrônica, que atuam sob a supervisão direta da Philips. E com uma tática infalível para garantir a qualidade dos consertos: o uso exclusivo de peças originais Philips.

O Serviço Técnico Philips não é o Campeonato Nacional mas tem equipes atuando no país inteiro.

#### RIO DE JANEIRO

##### São Cristóvão

Rua Almirante Baltazar, 281  
Tels.: 248-9460 e 234-2030 (PABX)

##### Copacabana

Rua Ayres Saldanha, 92-A  
Tels.: 256-1598/255-5633 e 237-2532

##### Madureira

Av. Automóvel Clube, 5.763  
Tels.: 391-9107 e 391-9152

##### NITERÓI

Rua Visconde do Uruguai, 170  
Lojas 3, 4 e 5 - Centro  
Tels.: 718-4276 e 722-6707

#### SÃO PAULO

##### Lapa

Av. Ermano Marchetti, 612  
Tels.: 261-5584/5707/7652/  
261-4840

##### Pinheiros

Rua Pinheiros, 1.397  
Tel.: 210-3415

##### SANTO ANDRÉ

Rua Cesário Mota, 363 - Centro  
Tels.: 449-6721/6932

#### SANTOS

Praça dos Expedicionários, 19  
Gonzaga  
Tels.: 31-3662 e 31-3789

#### RIBEIRÃO PRETO

Rua Monsenhor Siqueira, 358/368  
Campos Eliseos  
Tels.: 34-2816/34-3309/34-4916

#### CAMPINAS

Av. Governador Pedro de Toledo, 1.139 - Bonfim  
Tel.: 41-1347

#### BELO HORIZONTE

Rua Aquiles Lobo, 479 - Santa Teresa  
Tels.: 226-5288 e 226-1244 (PABX)

#### RECIFE

Rua Gervásio Pires, 399 - Loja C  
Boa Vista  
Tel.: 231-3399

#### PORTO ALEGRE

Rua Hoffmann, 246 - Floresta  
Tels.: 22-6221 e 22-6222 (PABX)

#### CURITIBA

Av. Sete de Setembro, 3.457/65  
Bom Jesus  
Tels.: 33-3011 (PABX) e 33-3061 - Direto

#### SALVADOR

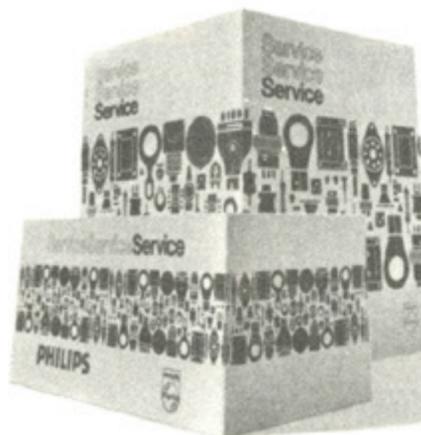
Av. da França, 263 - Comércio  
Tels.: 242-6011/242-6787/  
242-6587

#### BRASÍLIA

Av. W2 - Quadra 511 - Bloco A  
Loja 36 - Plano Piloto  
Tel.: 242-1044

#### BELÉM

Rua Ó de Almeida, 490 - Centro  
Tels.: 223-5733/223-9763



Service  
Service  
Service

*Uma  
Tradição  
de  
Elegância  
e Distinção  
na Arte  
de  
Bem servir*

Rua Barata Ribeiro, 356/360 -  
fones: 257-8738 258-5474 -  
258-5514 - 258-3862

**O TIME  
DO FUTURO**



LEMYR MARTINS

Arlindo, um zagueiro duro, disposto a morrer pelo clube onde aprendeu a jogar.

prestado para um outro clube, onde tenha oportunidade de jogar, para ir adquirindo experiências de campo. Agora mesmo o São Paulo tem mais de um time emprestado por todo o país. O artilheiro da Terceira Divisão paulista, por exemplo, é do São Paulo: Sérgio Bata-tais, que jogou pelo Cruzeiro, da cidade do mesmo nome. No São Carlos, que disputou a divisão intermediária, o goleiro, os pontas e o meia direita também são do São Paulo. O meia é Adauto, que nos tempos de juvenil já era muito comentado.

Os nomes mais importantes, porém, talvez sejam dos que ainda estão no ju-

venil. Atenção para Luís Muller, um centroavante de 17 anos, dono de muita técnica e muita velocidade. Atenção também para o ponta esquerda Valer, 18 anos, técnico, rápido e valente. Juntamente com o ponta direita Fumê, e o central Renato e o meia direita Buca, que foram convocados para a seleção paulista que disputou campeonato brasileiro. E tem ainda o quarto zagueiro Geraldo, o lateral esquerdo Airton, os dois volantes Salomão e Humberto, gente de muita qualidade, nomes para não serem esquecidos, e certamente para serem aplaudidos no Morumbi cheio daqui a alguns anos. ☼

## BOLTÉRMICO

A maleta que vale por duas.  
Uma exclusividade da Vortex.



Conserva suas cervejinhas geladas por mais de 24 horas.  
Bebidas quentes ou salgadinhos também se conservam ótimas na Boltérmico, que pode ser usada ainda para transportar material esportivo.  
Oferta de lançamento: apenas Cr\$ 689,00  
Cores: azul, vermelha ou caramelo.

## AGASALHO OLÉ

O único que vira conjunto calça-blusão: quando você abre o zipper da calça, ela se transforma numa elegante calça esporte de boca larga.  
Tamanhos 38 a 48. Branco, marinho ou café.  
Apenas Cr\$ 671,00



## MALETA OLÉ

Para carregar material esportivo ou para viagem. Dispositivo especial para raquetes de tênis ou para toalhas molhadas.  
Côr única: bege. Apenas Cr\$ 439,00

# O BRASIL PRECISA DE CRAQUES

A Vortex tem tudo de que você precisa para se tornar um atleta de sucesso!  
Compre agora sem sair de casa. Faça seu pedido para a Vortex e dentro de alguns dias você estará recebendo seu material esportivo.  
Mande o cupon ou escreva para a

Vortex - Promoções, Propaganda e Comércio Ltda.  
Rua Antonio de Barros, 499 - fone 201-0755  
Caixa postal 14507 - CEP 03632 São Paulo

Não mande dinheiro agora. Você só pagará quando retirar seu pacote no correio.

## OLÉ VOLLEY 80

Super leve e resistente.  
Solado de látex. Cr\$ 539,00

A melhor imagem colorida em tênis: Olé 80

## OLÉ QUADRA 80

Em napa natural, macio e resistente.  
Cr\$ 539,00



## OLÉ STYLUS 80

Em napa natural.  
Solado de látex, antiderrapante. Cr\$ 539,00

## GRÁTIS

Durante esta promoção, você recebe GRÁTIS uma fita cassete virgem para cada par de tênis Volley 80, Stylus 80 ou Quadra 80 que você comprar. Oferta apenas para estes três modelos. Aproveite!

## OLÉ SHOW



O tênis mais vendido da Olé.  
Super leve. Apenas Cr\$ 469,00

## WEMBLEY 80



Uma chuteira extraordinária, a preço de lançamento.  
Apenas Cr\$ 397,00

## OLÉ BASKET



Aprovado pela Federação Paulista de Basketball.  
Somente Cr\$ 559,00

## As camisetas que estão virando a cabeça de muita "fera"

Tamanhos 40 a 48.



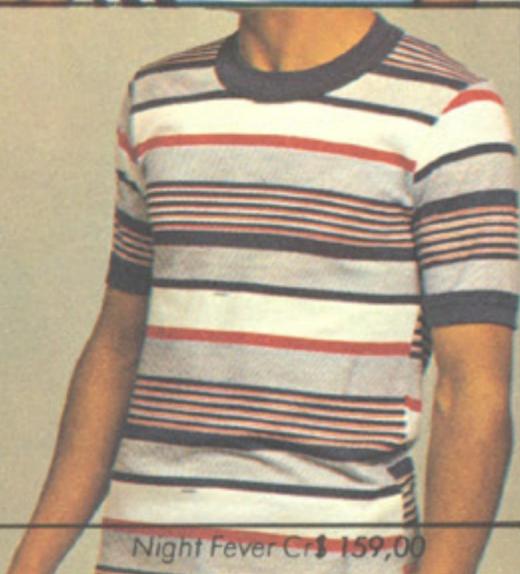
Surfin! Cr\$ 159,00



Sun Power Cr\$ 159,00



Disco Cr\$ 159,00



Night Fever Cr\$ 159,00

## FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É!

Faça de seu filho mais um torcedor do seu time!

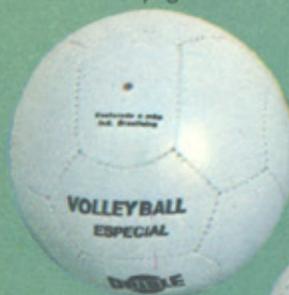
Tamanhos: 2, 4, 8 e 12 anos. Apenas Cr\$ 143,00

Internacional  
Grêmio  
Corinthians  
Palmeiras,  
Santos  
São Paulo  
Portuguesa Desp.  
Flamengo  
Fluminense  
Botafogo RJ  
Vasco  
Atlético MG  
Cruzeiro  
Bahia  
Santa Cruz  
Seleção Brasileira



## BOLAS DRIBLE

As mais usadas em jogos oficiais



Volley (oficial) Cr\$ 547,00



Futebol (oficial) Cr\$ 543,00



Futebol de salão (oficial)  
Cr\$ 385,00



# OLIMPICA

A bola está parada no campo. Em 90 minutos, despertou a paixão e alegria da torcida. Igualzinha a ela, milhares de outras bolas rolam por aí. Decidem títulos. Fazem campeões. Consagram craques. Lotam estádios. A Olimpica orgulha-se muito disso. E não é para se orgulhar? Ela fabrica bolas há 40 anos.

**OLIMPICA — 40 anos produzindo material esportivo.**

**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO DO**  
**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**  
**2023**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**